

## **Roda Viva**

### **Ficha Técnica**

Direção: Zé Celso (José Celso Martinez Correa)

Conselheira Poeta: Catherine Hirsch

Com o Teatro Oficina

Texto de Chico Buarque com releitura de Zé Celso

Arquitetura Cênica: Carilla Matzenbacher e Marília Gallmeister

Musica Chico Buarque com Direção Musical de Felipe Botelho

Violoncelo: Amanda Ferraresi, Bateria: André Santana, Percussão: Carina Iglecias,

Baixo: Felipe Botelho, Piano: Giuliano Ferrari, Percussão: Ito Alves, Guitarra: Moita Mattos.

Preparação vocal: Beth Amin

Sonoplasta: Gustavo Lemos

Figurino: Sonia Ushiyama

Atores: Roderick Himeros, Camila Mota, Guilherme Calzavara, Joana Medeiros, Marcelo Drummond, Sylvia Prado.

O Coro: Cafira Zoé, Carol Castanho, Clarisse Johansson, Cyro Moraes, Danielle Rosa, Fernanda Taddei, Isabela Mariotto, Kael Studart, Kelly Campello, Lucas Andrade, Marcella Maia, Marcelo Dalourzi, Mayara Baptista, Nash Laila, Nolram Rocha, Tony Reis, Tulio Starling, Viviane Clara, Zé Ed.

Participação Especial: Vera Barreto Leite como Miss Veneno

Coreógrafo: Ibrahima Sarr

Diretor de Cena: Otto Barros

Assistente de Iluminação: Padu Palmério

Operadora da Luz: Cyntia Monteiro

Operadores de Canhão Seguidor: Pedro Felizes, Ana Gabriela Rossetto e Filipe Sampaio

Estagiários da Luz: Ananda Giuliani e Guilherme Soares

Movings Lights: Camilo Bonfanti

Criação em 3D: Daniele Meirelles

Critico do Processo: Chico Turbiani

Montadores de luz no Oficina: Gabriele Souza, Diego F F Soares, Alexandre Souza e

Vinícius Hideki Ramos, Renato Banti.

Agradecimento a Grissel Piguillem

**Estréias:**

Dia 06.12.18 no Sesc Pompeia

Dia 23.12.18 no Teatro Oficina

Ensaio aberto Teatro Oficina:

Do 1º. Ato dia 24.10.2018

Espectáculo dia 26.11.2018

Imprensa dia 30.11.2018

São Paulo, 12 de outubro de 2018

Estou longe de ser uma criança, mas hoje ganhei um presente. Fui convidado para fazer a luz do novo espetáculo do Teatro Oficina dirigido por José Celso Martinez Correa. Este convite surgiu há uns 15 ou 20 dias atrás e teve um longo percurso até eu entrar hoje no teatro para ver o primeiro ensaio. Em princípio o convite surgiu para que eu fizesse o desenho de luz junto com Beto Bruel. Fiquei feliz e surpreso, como assim? Investiguei os motivos, liguei para o Beto e tomei uma decisão. Toparia se fizesse sozinho. Tomei esta decisão não sem antes consultar Marisa, Maria, Tó e todos a quem eu encontrava pela frente. Já tinha me decidido internamente mas queria corroborar minha decisão. Decisão tomada mandei um áudio para o Beto dizendo que não faria junto, fui o mais carinhoso e sincero que podia. Nunca tinha trabalhado com o Zé e queria entrar e conseguir colocar minha ideia de luz para aquele espaço tão importante para a cultura e para o teatro na cidade de São Paulo. Meu desejo era, e continua sendo, olhar para o que a Cibeles Forjaz fez nos anos que estive ali, conversar com o Zé e entender o que é a luz no seu teatro. Escrever sobre este processo. Não passava pela minha cabeça nada além destas coisas e claro, a autoria. Neste caso achei que tinha que me colocar e não estar diluído com alguém.

O tempo passou e voltaram a me ligar, o trabalho era meu, Beto não iria fazer. Não sei se ele entendeu, não sei se ele se magoou, o conhecendo creio que não. Beto é muito generoso e tranquilo com isto, é o que me parece.

Hoje fui e ao entrar no espaço meu coração deu sinais de descompasso, minha pulsação acelerou, e minha timidez saltou. Sim estava entrando em um lugar extremamente forte e com uma história absurdamente íntegra e consistente. Ali aconteceram coisas que estão na história teatral mundial, um dos grupos mais importantes do país e um diretor com uma trajetória incontestavelmente transgressora, inovadora, vigorosa e um artista e pessoa de uma generosidade e integridade difícil de encontrar.

Depois de um tempo de espera eis que desce o espaço um senhor de seus oitenta e poucos anos, andando sem tanta desenvoltura, mas com uma aura que vibra a muitos metros de distância. “Uau, ali tem história” pensei eu. Quando ele chega perto de mim me apresento e ele abre um sorriso e estende sua mão para mim “conheço muito bem sua luz, mas não te conhecia pessoalmente”, nos cumprimentamos e ali iniciou meu trabalho e fui introduzido ao seu universo teatral. Fui sendo apresentado a toda sua equipe, fizemos uma reunião sobre a cenografia. O espaço terá um piso vinílico vermelho escuro em toda a “pista”, no lado oposto da entrada do público teremos um altar com um piso metálico prata. Tudo brilha e tudo tem reflexo. Zé me perguntou o que eu achava disso e como era isso para mim. Disse que não era um problema, mas um dado e eu teria que saber lidar com isso.

Conversamos um tempo, Catherine (assistente. Co-diretora, braço direito, conselheira) se juntou a nós. Zé tratou de entender as proposições e depois de um tempo começou o ensaio.

Resumo da ópera: o espetáculo não está marcado, mas já pude perceber os problemas que terei para fazer um desenho. O espetáculo, pensando no que propõe a dramaturgia, se passa em um estúdio de TV, uma igreja, uma mesa de bar e demais espaços abstratos.

Acrescente-se a isso a arquitetura do Teatro Oficina, a necessidade que o Zé tem de ter a plateia “bem iluminada”, segundo suas palavras, e um espaço que é uma passarela enorme com um coro que se movimenta o tempo todo, além de uma banda que ocupa boa parte do espaço lateral e captação de imagens ao vivo. Fiquei um tanto tenso com o tamanho dos problemas que terei, somado a isso há uma estrutura de equipe que não me favorece, não existe um pensamento sobre a técnica como temos no Vertigem, ou melhor, aqui no Oficina me parece que não estão tão profissionalizados do ponto de vista operacional.

Some-se a isso a falta de um orçamento adequado. Nem sei quanto vou ganhar e nem quanto terei de orçamento. Some-se a isso que estreamos daqui a 54 dias no Sesc Pompeia, um espaço totalmente diferente, some-se a isso que teremos uma espécie de abertura de processo daqui a 15 dias do primeiro ato que vi hoje.

Na verdade, essa somatória toda me faz ficar ligado que tenho que andar rápido, definir uma ideia e aproveitar estas datas para experimentar um desenho, cores, atmosferas.

Vendo o ensaio e vendo a luz que Luana e Pedro fazem durante os ensaios descobri que há uma tentativa de sublinhar tudo o que acontece na cena. Sigo pensando que o melhor seria definir os quadros: entrada do público no espaço, caravana inicial (quando os atores entram em cena), consagração de Benedito, o Anjo, etc. Tenho que definir cada uma destas imagens e variar dentro delas, juntando a isso um tratamento para o público e para o espaço. Outra coisa que percebo é a necessidade de criar focos de atenção, descobrir o que deve ser primeiro plano e segundo plano e qual o nível de luz deve estar incidindo no público.

Início de projeto sempre é assim, mas este traz o tempo e a falta de recursos como um inimigo maior.

De qualquer maneira foi um dia muito feliz, me senti bem no ensaio, me senti acolhido, tem uma estrutura de grupo e definitivamente grupo é meu lugar.

São Paulo, 13 de outubro de 2018

Reunião com Luana e Pedro para criarmos uma estratégia para os ensaios e principalmente para o ensaio do dia 25.10.

Falamos sobre organizar a luz para o ensaio:

#### **Palco/altar**

Frente 4 elipsoidais 19 graus

Contra 3 elipsoidais 19 graus

Lateral esq. e dir. 06 elipsoidais 25/50,

Esqueleto 1 elipsoidal 5 graus

#### **Geral**

16 par 64 # 2 de frente

16 par 64 # 2 de contra

### **Teto**

12 vapor metálico com gelatina azul

### **Banda**

06 PC focos individuais

03 PC para cor geral

### **Boteco do Mané**

02 elipsoidais 25/50

### **Publico**

08 Fresnel de 500 (ver possibilidade de alugar ou recuperar)

03 fresneis de 1000w

### **Arquitetura**

08 locolight (ver possibilidade de locação ou compra)

### **Luz existente no espaço**

(Par30)

### **Luz de fora para dentro**

08 molefay de 04 lâmpadas

### **Jardim**

Set lights já instalados

### **Ribalta**

09 fresneis de 1000w

## **Tronco da arvore**

Set light já instalado

## **Arvore (copa)**

02 Par 64 #2

## **Palmeira**

01 Par 64 #2

## **Material que ainda não usamos**

10 elipsoidais telem

Não necessariamente usarei exatamente isto que está listado acima, mas vou partir daqui. Estou preocupado, primeiro, em entender tudo o que já foi experimentado no Oficina, conceitualmente e tecnicamente. A luz do público, algo que é muito importante para o Zé, ele me disse verbalmente isto no primeiro encontro, já foi tentada de diversas formas e até hoje não deu certo para ele, a luz da pista/rua onde a cena acontece já foi tentada de diversas formas e acharam uma que deu certo. Neste sentido penso, porque mudar algo que deu certo e veio de uma sucessão de tentativas e testes. Aqui não se trata de se acomodar em soluções, pois elas estão no âmbito da técnica, o que foi descoberto como o melhor ângulo, dentro do contexto de encenação no Oficina, ou seja, algo particular acontece ali. O ator tem que olhar o público e vê-lo, conseguir se relacionar com ele, diferente de um palco tradicional onde ele recebe luz no olho e as vezes não vê ninguém a sua frente, aqui não, ele não pode ser cegado, neste sentido a luz tem um ângulo certo. Posso alterar a qualidade desta luz, a distribuição desta luz, a quantidade de luz, mas os ângulos creio que não vale a pena tentar e errar novamente. Creio que seria burrice de minha parte.

O mesmo se dá com minha contribuição nas relações que venho estabelecendo com os espaços habitados pelo Vertigem. Tenho que me relacionar com o Teatro Oficina conseguindo explorá-lo em sua plenitude. A estrutura metálica tem que aparecer, sua verticalidade e monumentalidade tem que aparecer, e uma certa simplicidade. Percebo que Lina Bo Bardi trabalhava com uma mistura de matérias, sempre ligadas a terra, a pedra, algo bruto e simples que neste campo cria uma sofisticação e algo conceitual

muito forte. Sua ligação com a Bahia, com a religiosidade brasileira sincrética, o ritual, o espaço sagrado que mistura o profano, o respeito aquele que ocupava o espaço. Muitas coisas vêm a minha cabeça para partir e começar a pensar em um projeto.

Terminada a reunião com o Sesc todos foram para a Oficina pois iremos ensaiar. Chegando ao espaço tratei de me deslocar e começar a entender o espaço. Olhei de diferentes lugares, sempre atento a estrutura. Pedro de tempos em tempos vinham ter comigo e conversávamos. Sempre disponível, sempre aberto a me ajudar e sempre preocupado em me dizer o que já tinham feito e com tinham feito, o que eu tinha dado certo e o que não. O que o Zé tinha gostado, o que não. Tudo isso está habitando minha cabeça, mergulhei no projeto de cabeça.

Para que eu não perca o desenho a mão copio aqui alguns deles feitos em meu caderno de anotações:

muchos cosas construido de nuevo  
tempo. sacro... to phing...

NO ENTÃO CRIÃO USANDO SESSORES  
PODEMOS TER VMS EQUIPES DE WT (CINTURÃO  
WHITE & PURPLE) E ELAS TAMBÉM OPERANDO,  
AÍ A WT É QUE ELAS TÊM E MUDA O TEMPO  
TODA.

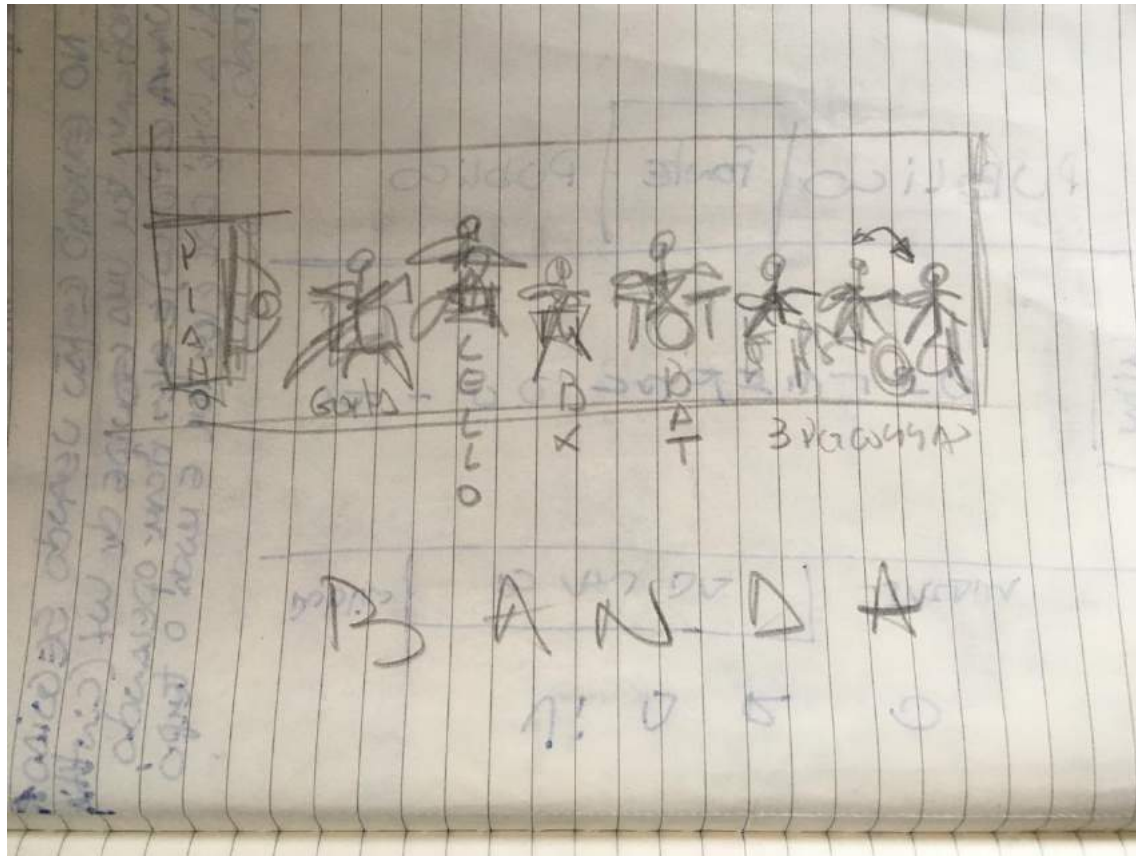
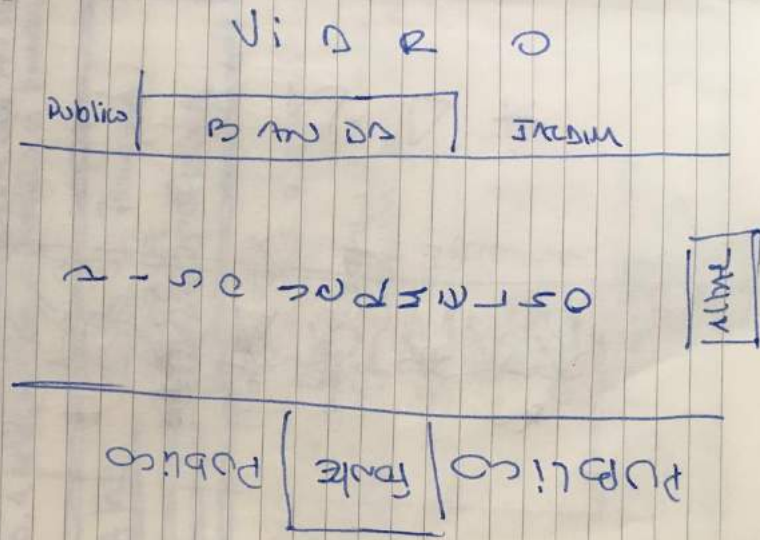




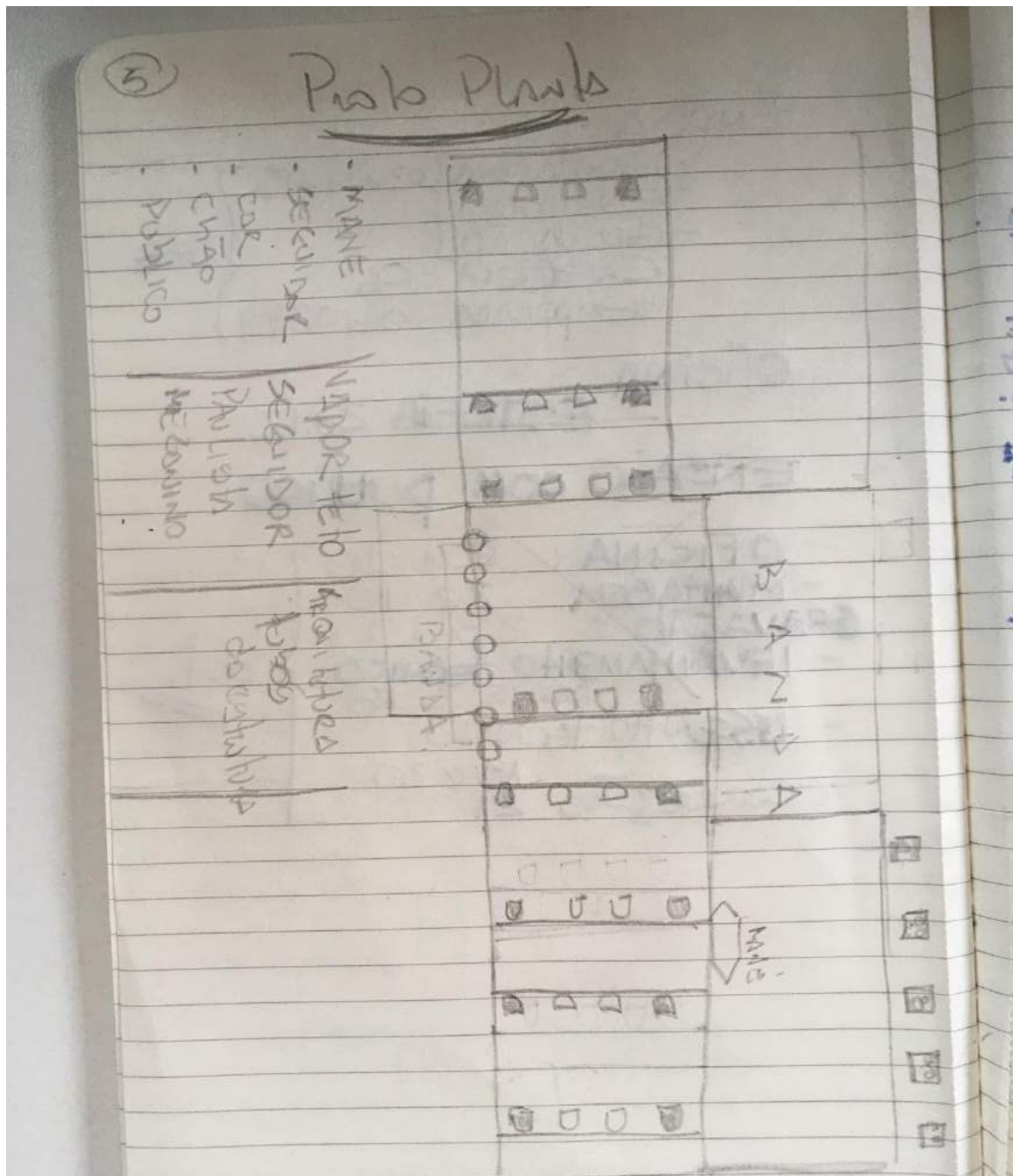
Diagram illustrating a room layout with two views, labeled 1 and 2.

View 1 (Left): Shows a room with a door at the top, a window on the left, and a person sitting on the floor.

View 2 (Right): Shows a room with a door at the top, a window on the right, and a person sitting on the floor.

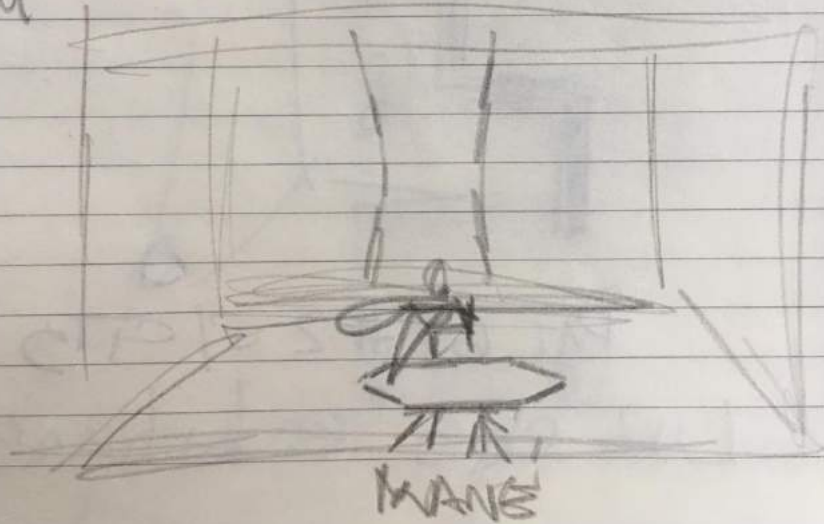
The diagram is drawn on lined paper.

PAL 64 #2 c/CTB



Esta planta está sendo desenhada para o ensaio do dia 24.10, a partir de minhas observações nestes dois dias de convívio com o espaço, depois de ouvir o Zé me falar algumas coisas, depois de ouvir as considerações do Pedro sobre a luz do espaço e a luz dentro dos espetáculos do Oficina. Partirei daqui para clarear minhas observações e poder entender como a luz na peça pode ser desenhada. Terei uma geral, eles, junto com Cibele Forjaz chegaram à conclusão de que este é o melhor desenho, a pista como uma passarela e o tratamento técnico é de frente e contra. Não tenho o número de refletores adequados, não posso alugar equipamentos, então vou trabalhar com o que tenho disponível.

- Público está com todo o elenco es-  
palhado pelo campo.
- música de igreja - espaço é um templo
- começa música cantavam. todos em-  
tam



POMPEIA

- MONTAGEM } 03.04.05
- ENSAIOS }
- GRAVACAO }
- ESTREIA - 06
- TEMPORADA - 07/08/09

DEZ

OFICINA

ESTREIA 23.12

ENSAIO COM PUBLICO

- OFICINA : 24.10
- MONTAGEM 22.10
- GRAVACAO : 23.10
- LEVANTAMENTO TECNICO  
DE 15 A 18
- DESENHO TECNICO  
19 & 20
- CORRECOES 21

OUT.





## Pompeia

- MONTAGEM } 03.04.05
- ENSAIO } 06
- GRAVAÇÃO } 06
- ESTREIA - 06
- TEMPORADA - 07/08/09

DEZ

## Oficina

ESTREIA 23.12

## ENSAIO com público

- OFICINA: 24.10
- MONTAGEM 22.10
- GRAVAÇÃO: 23.10
- LEVANTAMENTO TÉCNICO  
DE 15 A 18
- RESENHA TÉCNICA  
19 e 20
- CORREÇÕES 21

OUT.

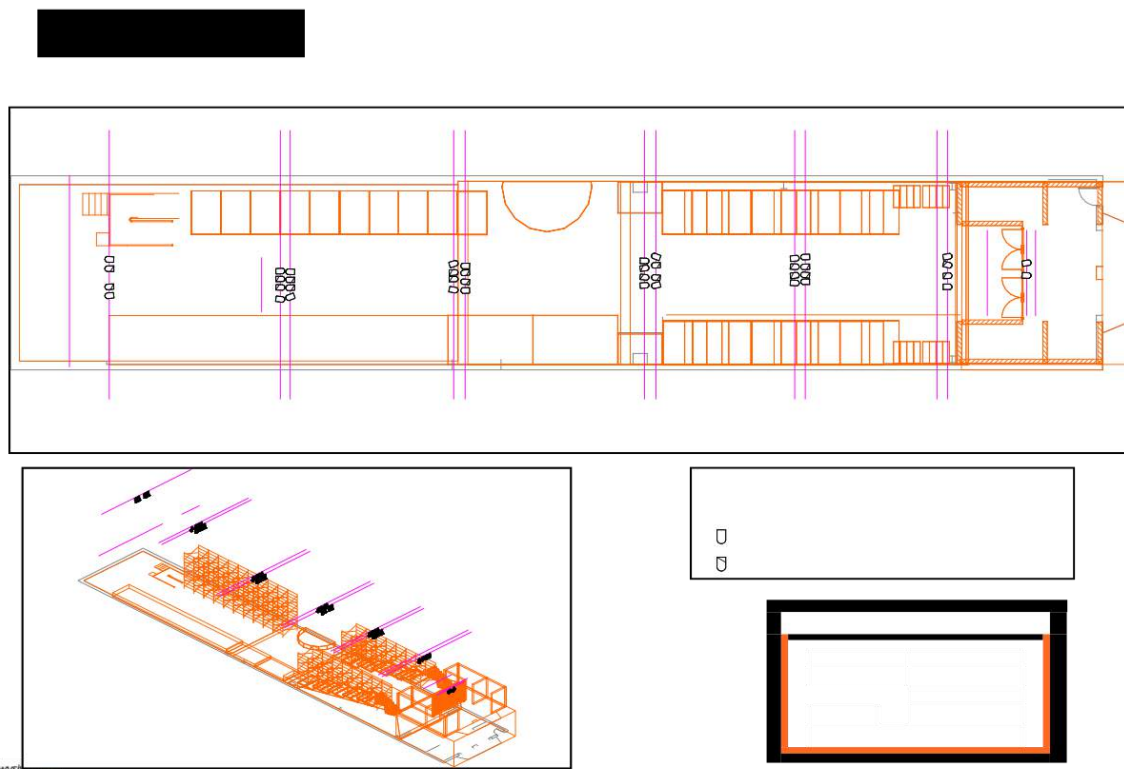
Σ

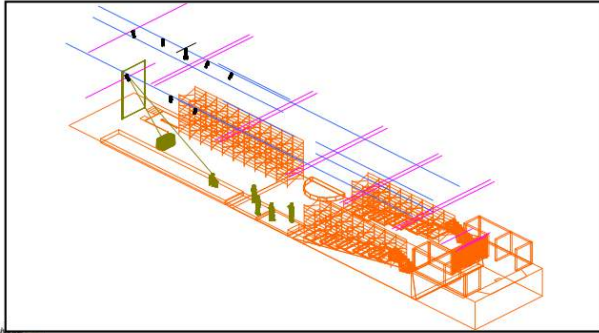
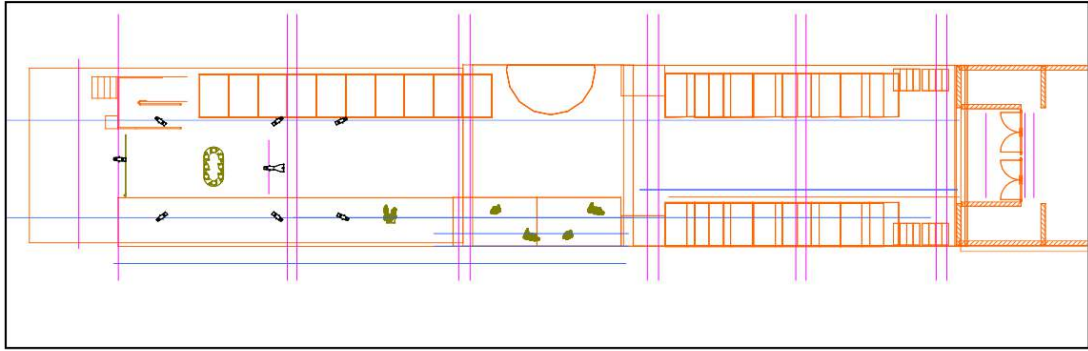
O ensaio ficou no início da peça. Entrada do elenco em cena. Muito interessante de ver, primeiro várias possibilidades, até que Zé optou pela que eu julgo a mais interessante. Ao adentrar ao espaço o elenco está escondido nas galerias e recebemos as pessoas com uma luz de igreja e um céu iluminado. Algo celestial. Assim que começa Caravanas o elenco aparece e começa a cantar, depois de um tempo desce pelas escadas de marinho e toma a pista, terminada esta música se ajoelham e reverenciam o que seria o altar, mas ainda encoberto e correm, ao final da canção, para trás do Ecran.

São Paulo, 21 de outubro de 2018

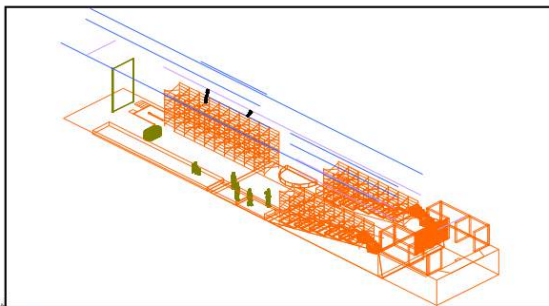
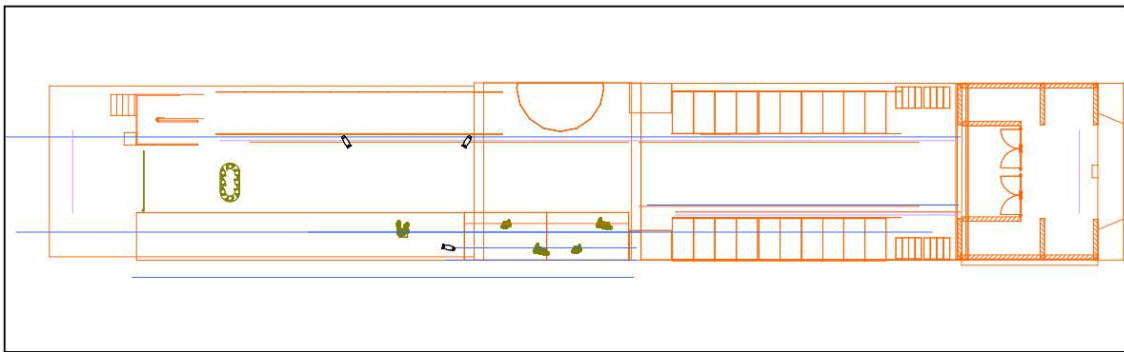
Primeira versão das plantas. Depois de um encontro com Padu e depois de pensar um bocado, fiz uma série de desenhos e na quinta-feira, dia 18 nos encontramos e deixei tudo com ele. Tenho seguido trabalhando pedagogicamente com meus assistentes. Padu é novo no teatro, vem da fotografia de cinema, aposto que ele terá condições de me auxiliar por saber tratar a imagem.

Nas plantas estou tratando de dar um tratamento para cada plano que julgo necessário, tendo todos eles isolados poderei articula-los como a cena pedir e assim organizar as narrativas desta história. Vejamos.





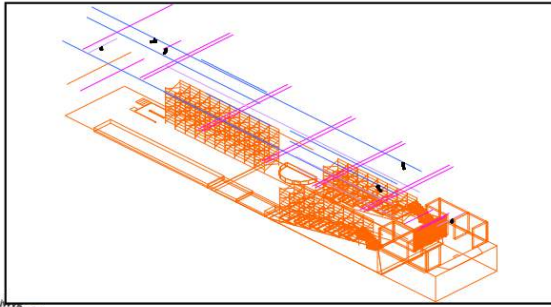
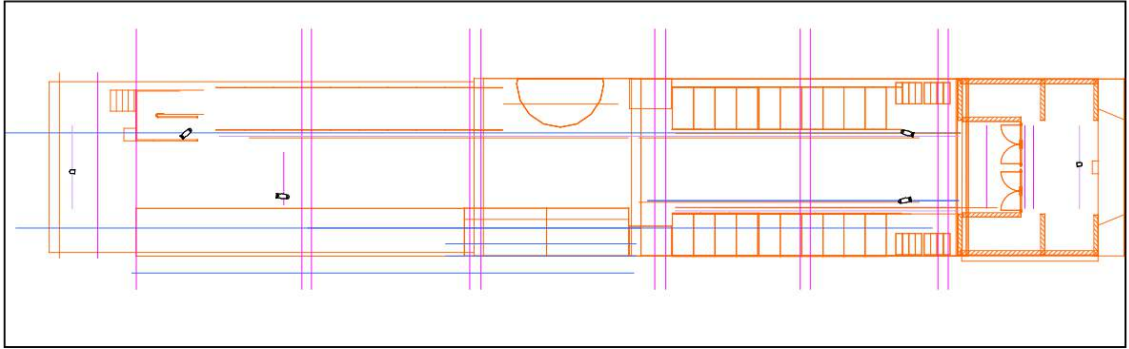
wyskryb



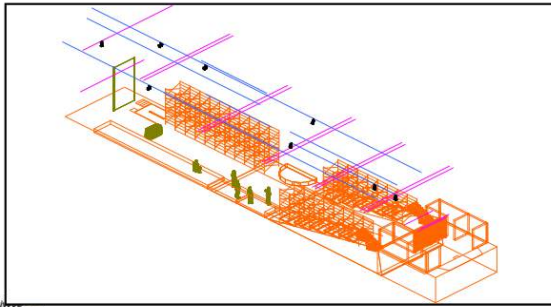
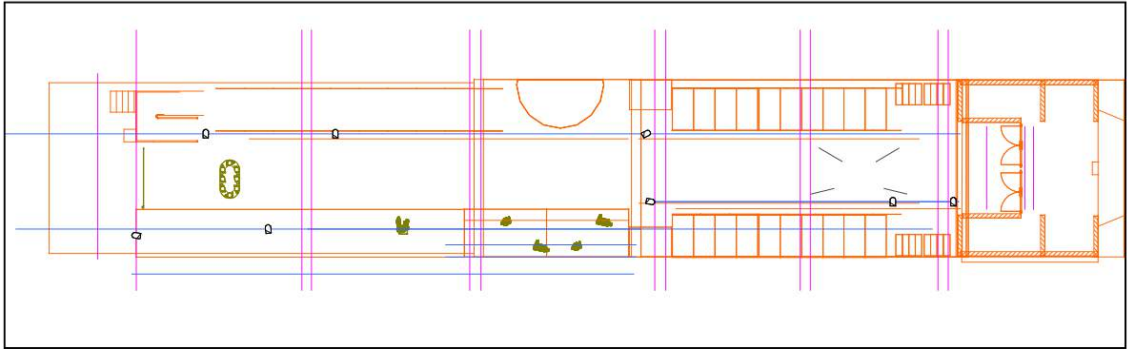
wyskryb





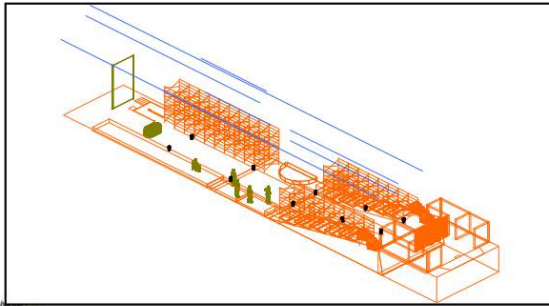
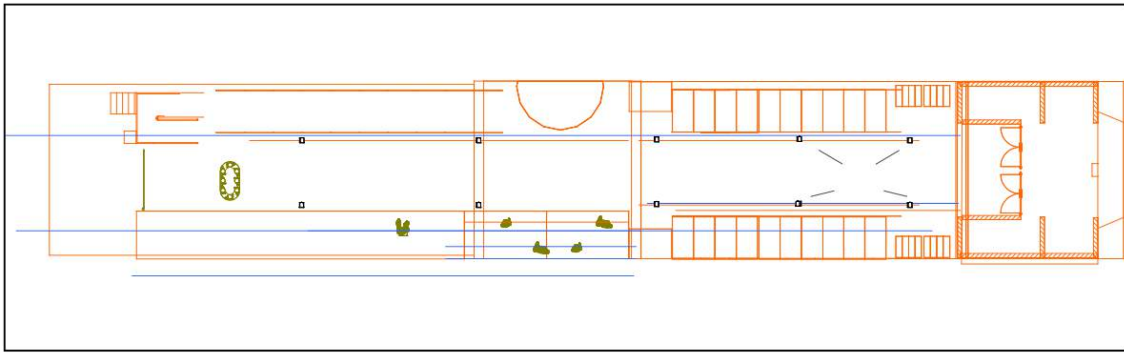


wysokość podłogi

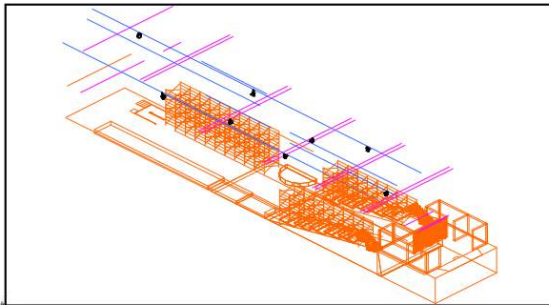
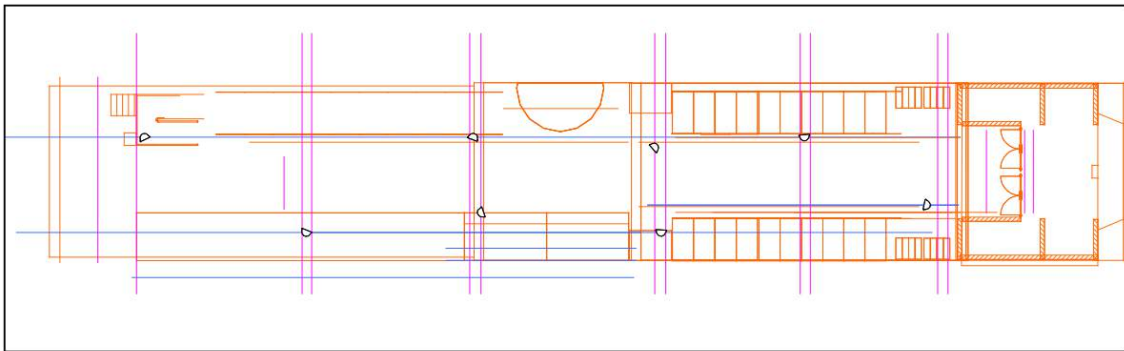
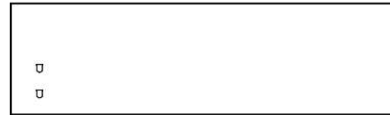


wysokość podłogi



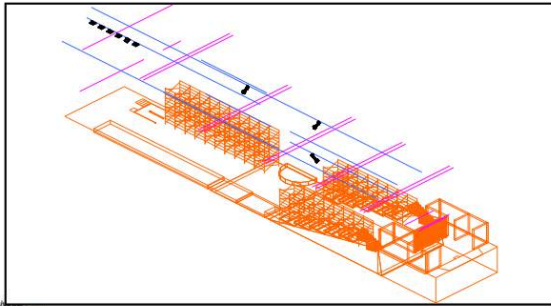
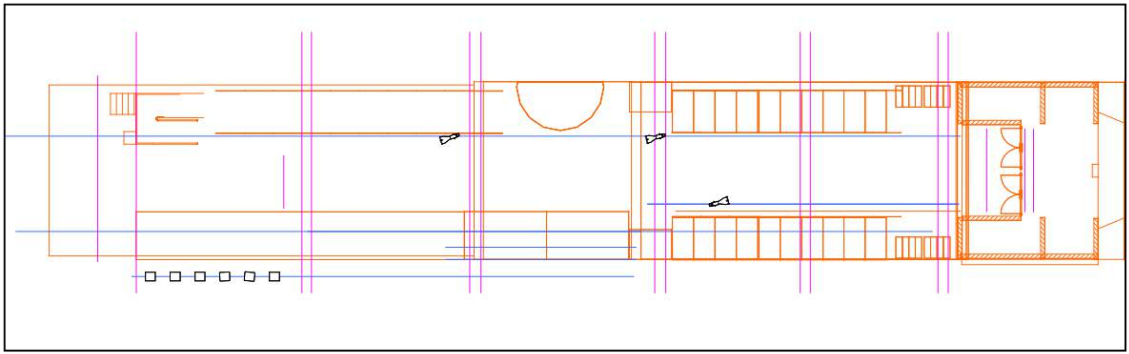


wyskryb

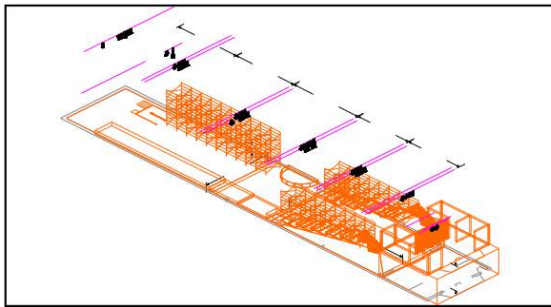
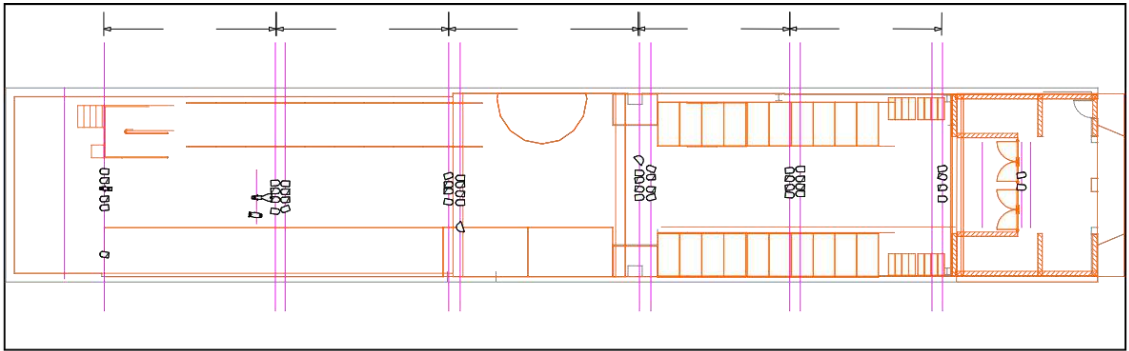
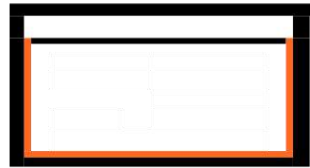
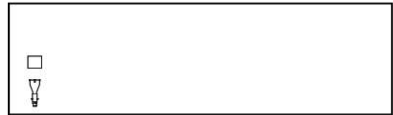


wyskryb

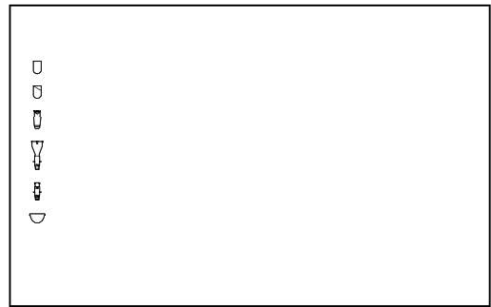




wyskwyg



wyskwyg



São Paulo, 22 de outubro de 2018

Marquei para hoje a montagem. As 08:00hs entrei no Oficina no propósito de limpar tudo, descer todo o material e começar do zero. A partir das plantas desenhadas pelo Padu. Foram comigo Camilo (Bonfanti), Dani (Danielle Meireles), Grissel (Piguillem) Chico (Turbiani), Padu, e os técnicos; Vinicius Hideki, Diego Soares, João, Gabrielle e a Cinthia que faz parte do Oficina.

Terminamos as 22:30hs. Tratei de fazer com que meu plano ficasse pronto para iniciar a etapa dos ensaios. Encaro esta montagem, não como uma luz para o ensaio de amanhã, dia 24, mas como inicio de minhas experimentações, estou invertendo a lógica de ter luz para um publico que vem ver, simplesmente estou ensaiando. Mas isso ninguém precisa saber. Escrevo no dia 23, um dia após a montagem.

Meu desenho consistiu em dividir todos os planos que terei que trabalhar; rua(pista) em diversas camadas, são 09 varas com 04 PAR 64 #2, fazendo uma geral. Metade vai sentido o fundo do teatro e metade volta fazendo assim frente e contra o tempo todo. Como a luz de uma passarela de desfile de moda. Nestas mesmas varas um azul que vai do fundo a entrada e um âmbar que vai da entrada ao fundo. Não que eu queira trabalhar com quente e frio, mas somente para ter duas cores que são atmosferas distintas, a partir daí vou definindo se necessito de cor e que cor. Fiz uma luz de plateia, dividindo todos os setores, térreo, primeiro, segundo e terceiro andar do início ao final dos dois lados. Todos os platôs, todas as escadas de marinho, a fonte, o mezanino, o outro mezanino (paulista), a fonte, o lado de fora, o boteco onde fica sentado o mané, a banda com um foco para cada músico, luz para as estruturas, luz de chão, lâmpadas de descarga viradas para o teto fazendo um céu, luz do lado de fora vindo pelo vidro, luz da entrada do público etc, etc, etc. Toda esta equipe me possibilitou descer, limpar e remontar como precisava. Agora sinto que estou organizado e meu trabalho consistira em articular os diversos planos. Vejo semelhança no meu trabalho dentro do Vertigem. Muita informação, devo ajudar a “organizar” o olhar do espectador. Só que aqui tenho outras questões ligadas ao ritual, a terra, as forças primitivas, da natureza, do prazer. Tenho algumas coisas relativas ao teatro e a maneira como foram feitas até aqui que

não posso mudar; a árvore deve estar sempre iluminada, a fonte, a escada caracol que fica no fundo, o terreiro (pequeno jardim interno). Devo lidar com tudo isso.

São Paulo, 24 de outubro de 2018

Hoje é dia de corrido. Fiquei um pouco arrependido de ter feito tudo o que fiz e de ter montado uma luz, afinado e criado expectativa. Estou absolutamente tenso. O teatro está lotado, faltam muitas coisas chegarem na mesa, não tenho todos os elementos. Vejo que a minha geral que foi afinada apagada não está boa, tem buracos. Se no Vertigem trabalho com a precariedade, aqui estou mergulhado nela. Lá tenho domínio da técnica e sou eu quem gerencia os aportes financeiros para minha área, ou seja tenho autonomia para planejar e executar. A luz lá adquiriu um espaço de criação que aqui eu nem sei qual é. Ainda estou tentando entender onde estou e qual o meu espaço aqui. Os equipamentos estão sucateados, impossível achar que fazendo o que eu fiz tudo seria incrível.

As rasteiras do real, naquilo que foi idealizado. Vamos lá. Gravei algumas coisas e vou me jogar na operação, debuto no Oficina com uma plateia lotada e avida por ver RODA VIVA. Encontro Cibele [Forjaz], que por 10 anos fez luz aqui, entendeu e “descobriu” um jeito de iluminar a cena.

Vamos lá, não vim ao mundo para me esconder...

São Paulo, 25 de outubro de 2018

O corrido ficou para trás, relaxei e operei tentando entender e criar alguns climas. O que pude perceber:

-Minha geral da pista (trabalhei como uma passarela de desfile de modas) está muito deficiente, tanto na afinação quanto na quantidade de luz que preciso. O espetáculo faz uso da pista como uma sanfona, abrindo e fechando o tempo todo. Preciso definir áreas e poder jogar como a encenação joga com o espaço. Sinto que definindo isto tenho meio caminho andado.

-Minha ideia de iluminar as estruturas de baixo para cima, com os setlights de 500w e filtro CTB deu certo. Acende a estrutura, dá a monumentalidade que o espaço pede. Só que metade não acendeu.

-A luz de plateia parece que funciona, mas não pode ser da mesma cor da geral pois dá uma chapada no espaço, preciso ter tudo mas deixando claro cada espaço, e o jogo creio que é com o quente e frio.

-O sol, mini bruts instalados do lado de fora no vidro, não deram muito certo. A ideia é boa mas preciso trabalhar. Tem que ter uma cor solar, o branco não funciona e talvez tenha que (ideia da Cinthia) afina-los vindo mais para o sentido da entrada do espaço

-Definir e melhorar a afinação das escadas de marinheiros criou um desenho interessante.

-A banda precisa de cor, para não se misturar com a luz da cena e criar outro plano.

-Jogar com a verticalidade do espaço e depois fechar na pista é um bom movimento, o mesmo em relação a acender todo o espaço e depois recolher em um espaço menor. É como no cinema, abrimos o quadro e depois fechamos num close.

-Meu céu não rolou, tenho 10 refletores de vapor metálico com filtro 283. A luz não cobre o teto todo, e esta confinada, mas Zé e Catherine me falaram que gostaram muito de ver o céu do início ao fim do espaço. Mas preciso aumentar a quantidade.

-A cor que simulei com o azul (08 Par 64 #5) e o âmbar (08 Par 64 #5), ficou absolutamente deficiente. Pude perceber que preciso usar outra tecnologia para ter de fato uma cor que tinja a pista toda. Preciso de LED, assim posso usar muitas cores ou simplesmente o RGB, mas se for usar PAR 64 vou ter que triplicar a cor, ou seja usar 24 refletores para uma cor, ou seja cada cor com duas dúzias de refletores o que me faria usar muita lâmpada PAR, algo que já fugi há muito tempo.

Continuo com a sensação que preciso narrar mais este espaço e construir atmosferas diferentes ao longo de toda a peça, mas a ocupação do espaço tem muita semelhança e a luz teria que diferenciar isto.

Planos, estou sonhando com isso, mas ter feito o corrido me serviu acima de tudo para deixar a tensão de lado e saber que estou dentro do processo, achei que ao entrar aqui receberia uma saraivada de críticas, mas aos poucos o que senti no início se confirma, a generosidade, a tranquilidade e o prazer imperam neste espaço. Terei aqui o mesmo espaço para o erro que tenho no Vertigem.

Próximo passo em andamento. Fizemos uma reunião, Luana, Cinthia e eu e decidimos o que fazer daqui para frente:

- 1- Finalizar o patch, ou seja, ter tudo na mesa. Ok já fizemos.
- 2- Melhorar a luz de plateia e colocar gel roscos 09, instalar mais dois refletores para a área em cima da fonte e mais refletores para o ultimo nível.
- 3- Fechar mais o foco da banda e colocar uma gel chocolate
- 4- Fazer a linha de pinbeam, contra minha vontade, que a Luana quer.
- 5- Resolver um canal da geral que não acende
- 6- Instalar mais 08 PAR 64 # 2 para ter uma distribuição melhor da geral, criando uma nova linha onde estão os dois ETC 19 graus do contra altar.
- 7- Gelatinar os minibruts e mudar o lugar da instalação
- 8- Refazer a instalação das micropar na escada caracol
- 9- Mudar um refletor do platô, tirar o elipsoidal 19 graus e colocar um TELEM
- 10- Completar de set lights a luz de plateia e completando os setlights instalados no piso do terceiro nível.
- 11- Colocar as locolights no piso.
- 12- Melhorar o céu dobrando a quantidade de vapor metálico

São Paulo, 30 de outubro de 2018

E veio a eleição presidencial, e veio a vitória de Jair Bolsonaro, e virá o retrocesso de algo que nem progrediu. A cultura sofrerá, a educação sofrera, as reservas naturais serão vendidas. Hoje me peguei absolutamente agressivo e irritadiço. O que fazer, como agir. Gostaria de ir embora daqui, tentar a vida em outro lugar. Mas não irei a lugar



nenhum, afinal vivo aqui, me fiz aqui e vou terminar meus dias aqui, sigamos, na resistência, na desobediência.

Chego ao Oficina para o ensaio e marco com o Zé uma conversa para sábado. Preciso me preparar, ler o texto, ter ideias. Estou um pouco embotado. Ontem fiquei pensando qual é meu projeto, qual é minha pesquisa, o que tenho a dizer com minha luz. NÃO SEI AINDA.

Ontem me dei conta disso. Estou atendendo a demandas do Oficina. Tenho que iluminar a árvore, tenho que iluminar o terreiro, o terreno que fica ao lado, a escada caracol do fundo, o público, etc, etc, etc. E além disso o que trago para cena de meu, o que tenho como proposta para tencionar com tudo isso, negar ou reafirmar.

Ontem surgiram umas ideias de usar tubular led, acho que pode ser bom, sinto que tenho que trazer minha pesquisa de tradição x tecnologia para cá, creio que tem tudo a ver colocar o Teatro Oficina no meio desta discussão. Tenho que trazer o led, o movimento na luz para cá.

No boteco onde fica o Mané vou usar uma flúor verde atrás da árvore, um lavanda o contra e um âmbar na frente. No momento em que o Bem Silver assina o contrato, uma linha de tubo led criando um ambiente high tech e distópico futurista na cena. Na verdade, o que começo a pensar, com a ajuda do Padu, foi dele a ideia de trazer os tuboled, começo a tentar criar imagens, quadros para cada situação.

Estamos neste momento ensaiando o início do segundo ato.

São Paulo, 31 de outubro de 2018

Zé ensaia a primeira cena do segundo ato. Desde ontem, me parece que a cena é muito importante e deve ditar o segundo ato. Começa a cena com eles no porão do teatro, um navio negreiro, ali eles ficam se movem e em cima temos uma pirâmide onde estão Benjamim, Anjo e Diabo. Este grupo se move em conjunto, é uma massa humana. É noite. Estamos descobrindo a luz deste início. Um amontoado de corpos em movimento, num dado momento vem um raio e eles se libertam, se veem, se dão as mãos. Estou simulando o raio com uma piscadela de Par 64, ainda tosco e muito ruim, mas somente para marcar o movimento.

Marcamos uma conversa para sábado. Tarde, cenografia, vídeo, direção e luz. Espero que neste dia consiga sair com alguns nortes. Estou lendo o material que Padu separou, críticas, estudos críticos sobre a montagem de 68.

Tentei me deixar contaminar pela cena para entender a história e buscar um caminho pro meu trabalho, me perdi e não entendi nada. Agora lendo os textos começo a ter mais segurança sobre as discussões que a peça traz.

São Paulo, 03 de novembro de 2018

Ontem fizemos um corrido e fui tentando criar um roteiro de ações sem me preocupar com o que coloco em cada momento. Sai da mesa, deixei Padu, Cinthia e Pedro operando e sentei do lado com computador e fui fazendo este roteiro que coloco abaixo.

Pude perceber que há uma dificuldade de realizar meu desenho com o Pedro na mesa. Existe um *modus operandi* da luz no Oficina que é seguir o ator o tempo todo. Trabalho de outra maneira, em alguns casos. Procuro criar uma fotografia e o ator se desloca, as vezes indo para uma zona de penumbra e as vezes entrando ou saindo da luz. Assim consigo fixar imagens, quadros e não fico “atrás” do ator o tempo todo. Isto para mim rompe com qualquer conceito e a luz não fica sempre à serviço “da função básica que é iluminar”, acho que trabalhamos num campo atmosférico e na construção de um discurso. Por isso prefiro errar a pecar pelo excesso de acende e apaga.

Percebi coisas básicas:

Vou preparar um roteiro e trabalhar em cue, criando as seguintes situações:

- 1- Música, entra cor e em alguns casos o movimento.
- 2- Diálogos, branco quente, a “luz do teatro”.
- 3- TV, branco intenso e espaço, por enquanto, quando puder será branco frio.
- 4- Momentos específicos todo o espaço
- 5- Tentar achar onde a cena acontece e cuidar para que a pista tenha desenhos e não seja sempre aberta toda ela.
- 6- Trazer um pouco mais de contraste para a cena.

Percebo que não posso gastar alguns recursos, como iluminar o espaço todo, isto tem que ser em alguns momentos, aí ganha força. O mesmo com a cor, o movimento e a pista toda.

Agora com o roteiro começo a pensar cada situação descrita acima. Não ficar na mesa foi uma decisão importante. Preciso ver, estar em contato com a cena na perspectiva de quem vai criar, dar autonomia para os técnicos operarem.

A SEGUIR O PRIMEIRO ROTEIRO.

## **RODA VIVA**

**A peça transita em dois mundos:**

**1-O real, da plateia.**

**2-O ficcional, da TV**

**É a ficção televisiva dialogando, em diversos níveis, com a ficção teatral.**

### **Primeiro ato**

Entrada do público.

O Teatro é uma catedral (luz no teto, colunas, estrutura iluminada, fumaça).

| <b>cue</b> | <b>cena</b>                         | <b>luz</b>                                    |
|------------|-------------------------------------|-----------------------------------------------|
|            | Entrada do publico                  | Catedral (teto com azul)+estruturas+escadas   |
|            | Muda a musica                       | Acendem todos os lugares onde estão atores    |
|            | Começam a cantar e vão descer       | Vai mudando a luz do alto para a pista.       |
|            | Chegaram na pista (ocupam o centro) | Plateia, paredes, Pista toda, cor e movimento |
|            | Abrem para a pista toda             |                                               |
|            | Voltam para o centro                |                                               |
|            | Abrem na pista quando falam O SOL   |                                               |
|            | Fecham novamente no centro          |                                               |
|            | Começam o atabaque. Ajoelham        |                                               |

|  |                                                                                   |  |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------|--|
|  | Cantam Halleluya                                                                  |  |
|  | ACABAM MUSICA E COREM PARA O ALTAR                                                |  |
|  | BEM SILVER DA BOA NOITE                                                           |  |
|  | CANTA ´E COM SATISFAÇÃO atrás do ECRAN                                            |  |
|  | Comercial                                                                         |  |
|  | Explodem ECRAN                                                                    |  |
|  | Rastejam e vão para a plateia “comprem”                                           |  |
|  | Começa música no piano, Anjo Surge                                                |  |
|  | Anjo desce para a pista, coro ajoelhado                                           |  |
|  | Anjo Desce E Anda Em Direção A Bem, Vão Para O Meio, Todos dançam                 |  |
|  | Bem cantam todos aplaudem                                                         |  |
|  | Entram dois atores com o contrato e abrem ele na pista                            |  |
|  | Bem assinou, anjo aparece na rampa                                                |  |
|  | Trazem bem para ser paramentado no altar, enquanto anjo desce pista tocando       |  |
|  | Vem até o anjo fala com ele e volta para a rampa da pista tocando. Todos marcham. |  |
|  | Bem atira no publico                                                              |  |
|  | Volta música e anjo segue falando                                                 |  |
|  | Anjo desce até Bem Silver e fala do cheiro                                        |  |
|  | Anuncio; protetor de sol                                                          |  |
|  | Anjo segue falando                                                                |  |
|  | Bem Silver e os anjos: São Benedito, Santo Expedito e Nossa Senhora               |  |

|  |                                                                                                 |              |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|
|  | Atabaque na Nossa Senhora                                                                       |              |
|  | Música de futebol, torcida                                                                      |              |
|  | Volta para o anjo e coro volta, comercial de TV                                                 |              |
|  | Volta para o Anjo cantando                                                                      |              |
|  | Justificar a fama de homens famosos                                                             |              |
|  | Musica termina e Anjo começa a fazer o acordo dos 20%                                           |              |
|  | Coro todo desce para Bem Silver, e anjo segue falando dos benefícios da sua carreira de sucesso |              |
|  | Discute com Bem sobre os benefícios de ser agenciado por ele                                    |              |
|  | Ben: Voce tem razão, novas musicas                                                              |              |
|  | Parou de cantar                                                                                 |              |
|  | Anjo canta a musica sobe Chico Buarque musica lenta                                             |              |
|  | Musica vai e vem, intercalada com texto desde o contrato                                        |              |
|  | ENTRA XUXA                                                                                      | PISCAR MUITO |
|  | TERMINA XUXA SENDO ENGULIDA                                                                     |              |
|  | BEACH BOX                                                                                       |              |
|  | GRANDE CELULAR NA TELA, TODOS SE VIRAM PARA ELA                                                 |              |
|  | MUSICA, CARREGAM BEM SILVER PARA FORA                                                           |              |
|  | DESCEM TEXIDOS BRANCOS                                                                          |              |
|  | JULIANA APARECE PELOS TECIDOS                                                                   | USAR CHÃO    |
|  | DIALOGA COM ANJO                                                                                |              |
|  | COMEÇA NOVA MUSICA E CANTA COM O ANJO                                                           |              |

|  |                                                                                     |                         |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
|  | BEM ENTRA E ANJO SAI. CANTA COM JULIANA                                             |                         |
|  | SAI JULIANA E BEM CANTA, SALVE O MANÉ, ATORES NAS ESCADAS                           |                         |
|  | TERMINA A MUSICA: O MANÉ, COMO É QUE É, FALA COM MANÉ                               |                         |
|  | MAN´E, VOCE NUNCA ME ENGANOU                                                        | BO                      |
|  | Volta em seguida                                                                    |                         |
|  | ENTRAM ANJO E JULIANA                                                               |                         |
|  | CANTAM DESAFINADO                                                                   |                         |
|  | ANJO INTERROMPE                                                                     |                         |
|  | SAI ANJO E ENTRA TV                                                                 | MUITA LUZ               |
|  | TV AS TRAVEAS VAI CONDENA-LOS                                                       | BO                      |
|  | VOLTA LUZ                                                                           |                         |
|  | ENTRA A TV RECORD                                                                   |                         |
|  | ENTRA A INTERNET                                                                    |                         |
|  | BEM SILVER VEM PARA O ALTAR TVS FUMAM NO ALTO                                       |                         |
|  | BEM SILVER DE BIGODE ESTA AO VIVO DO FUNDO DO TEATRO (VIDEO BOLSONARO NO WHATS APP) | TODO O TEATRO ILUMINADO |
|  | TERMINA WHATS APP E BEM SILVER VEM PARA A PISTA                                     |                         |
|  | ANJO VEM SE JUNTAR A BEM E JULIANA                                                  |                         |
|  | ANJO SAI E JULIANA E BEM CANTAM “SONHO E FANTASIA”DO CHICO COM CUICA                |                         |
|  | CORO ENTRA E FICA AO LADO DE BEM E JULIANA                                          |                         |
|  | CORREM PARA O CENTRO (BEM E JULIANA) E SE BEIJAM                                    |                         |

|            |                                                                                                          |                                |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|
|            | MUDA O CLIMA COM CHEGADA DO CAPETA E ANJO                                                                |                                |
|            | COBREM BEM E LEVAM-NO PRA PRA                                                                            |                                |
|            | FICAM ANJO E CAPETA                                                                                      |                                |
|            | MUSICA O QUE CAIM FEZ COM ABEL                                                                           |                                |
|            | TIRO                                                                                                     |                                |
|            | BEN CAI E VEM ROLANDO                                                                                    |                                |
|            | PARA EM FRENTE A BANDA                                                                                   |                                |
|            | FICA ELE E CAVEIRA                                                                                       |                                |
|            | FICA SO CAVEIRA                                                                                          |                                |
|            | BO                                                                                                       |                                |
|            |                                                                                                          |                                |
| <b>cue</b> | <b>Cena (SEGUNDO)</b>                                                                                    | <b>luz</b>                     |
|            | Todos no buraco (NAVIO NEGREIRO)                                                                         |                                |
|            | Se movem, cantam escravos de jó.<br>Quando entra o baixo, após duas vezes,<br>muda a luz.                |                                |
|            | Ricos no espaço de cima cantam,                                                                          |                                |
|            | Começam a jogar dinheiro para baixo                                                                      | acende embaixo.                |
|            | Ben Silver: E PRO MANÉ...                                                                                | ACENDE MANÉ E APAGA EM SEGUIDA |
|            | Coro sobe e invade a pista<br>Inicia o frevo e descem a pista até o mané<br>Ator com matraca na escada 2 |                                |
|            | Ben Silver fala: EU sou rico mas sou generoso.....                                                       | Black out                      |

|  |                                                                                                                                                                   |                                                                |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
|  | Volta a luz                                                                                                                                                       |                                                                |
|  | Mané: uma merda                                                                                                                                                   | Black out                                                      |
|  | Formaram uma fila virados para o altar                                                                                                                            |                                                                |
|  | Acende com Benjamin no altar e o coro ajoelhado “Halelluia “                                                                                                      | (estou usando o âmbar, mas uma luz de chão ficaria bom também) |
|  | Coroação de Benjamin                                                                                                                                              | (é mais sombrio)                                               |
|  | Benjamim desce para o meio do coro, suruba...                                                                                                                     |                                                                |
|  | Juliana(mulher de Bem) vem com pano e cobre todos (usar arvore junto com a luz)<br>Corte entra TV                                                                 |                                                                |
|  | TV: Estamos apresentando o programa... surpreendido em sua mansão (teatro inteiro + parede)<br>AMANTE: Oxi, sua mãe não tinha morrido? (ainda casa de Ben Silver) |                                                                |
|  | CAPETA ASSISTE A CENA DO ALTO                                                                                                                                     |                                                                |
|  | Capeta desce para pista (Capeta com mulher e Ben)                                                                                                                 |                                                                |
|  | Entrada do anjo: Ce ta louca?                                                                                                                                     |                                                                |



|  |                                           |  |
|--|-------------------------------------------|--|
|  | CAPETA E ANJO DISCUTEM EM MEIO AO BACANAL |  |
|--|-------------------------------------------|--|

Reunião de criação com Zé, Catherine, Carilla, Marília, Xys, Padu, Pedro e Ananda

Catherine falando:

O que não vemos, o altar, a descida do altar. Não está iluminado atrás do altar.

Esta peça tem céu e inferno. O ídolo, a mídia, a internet, o povo. É o lugar do anjo e do capeta.

Zé: falando:

A arte cênica aqui é do humano em contato com o subterrâneo e com o cosmos.

Onde fica o Mané, pode ter um vermelho que saia detrás da árvore.

No caso do navio, devemos pensar nesta língua de fogo.

A ribalta é muito importante nos musicais.

A entrada deve fazer com que o público entre em algum lugar diferente, não o Oficina de sempre. A entrada vai se dar com a música do Villa Lobos sobre a participação do Brasil na guerra contra o fascismo. O público deve entrar em um lugar em que ele saiba que ele vai atuar, uma capela, uma igreja, um pouco de luz vermelha onde está o Mané, Temos que criar uma cronologia de tempo para o Mané.

Tudo está entre o céu e o inferno.

**Não é uma catedral tradicional, católica, é um terreiro antropófago.** As galerias se iluminam para que as pessoas possam se ver.

Caravanas é um conceito sobre os grupos de pessoas: negros nos navios negreiros, imigrantes, moradores de rua que são tirados de um lugar para o outro, secundaristas na rua, e todos os grupos de excluídos, todas as categorias massacradas e todos os movimentos sociais.

Depois desta entrada, o espaço se transforma e vai virando uma igreja, aí vai entrando uma luz azulada de igreja.

Final com música cordão, vai todo mundo para rua cantando.

Só acredito num Deus que dança, Nietzsche.

Falei que queria saber o que se passava pela cabeça do Zé e ele disse, pela cabeça não, pelo corpo, pelos sessenta anos de teatro.

**Iluminar o chão, somente o chão. Em algum momento.**

Zé e Catherine: A luz dirige o ator, Cibele trabalha muito nesta perspectiva. Não se pode repetir o que se fez uma vez, tem que se reconstruir.

Exaltar os principais objetos que são personagens.

A operação é uma arte, talvez a maior, a pessoa que maneja a operação tem que estar envolvido por tudo isso. Não se pode agir cerebralmente, tem que sentir no corpo.

Cissa, do vídeo, pergunta como Zé vê o celular. Ele vê como um Deus. Num dado momento teremos uma oração ao celular, o público pode utilizar o seu celular.

Falei sobre o uso da tecnologia aqui, movings e leds e da tecnologia x o primitivo, a terra, a música de piso Bárbaros tecnisados.

São Paulo, 07 de novembro de 2018

Estou amarrado tecnicamente.

A luz dentro do Teatro da Vertigem foi adquirindo um espaço de criação muito forte. Consegui me colocar como criador de igual para igual com todos que venham trabalhar conosco e quem já faz parte do grupo, seja qual for sua função; direção, dramaturgismo, assistente de direção, cenógrafo etc. Tenho um certo controle sobre minha área, tanto do ponto de vista técnico, compra e manutenção dos equipamentos, quanto pelos investimentos futuros, guarda do acervo, e pela participação no processo criativo. No Oficina percebo que isto não acontece, ou não percebem a necessidade disto.

São Paulo, 18 de novembro de 2018

Muitas coisas se passam em minha cabeça. Algumas frustrações, algumas dúvidas, muitas incertezas, algumas críticas ao processo e uma percepção do que é a luz dentro do Oficina. Tenho uma sensação de estar bloqueado e não saber para onde ir. O que desencadeou tudo isso foi o corrido de sexta feira passada, dia 16.11. Estou vendo os ensaios, mas não consigo ter ideias, fiz uma luz que servia como pano de fundo para

cena acontecer, longe de serem proposições concretas. Exatamente como faço no Vertigem, acendo o que posso para poder olhar e ver o que funciona. Ao final na roda, o que ouvi foram críticas como se tivesse apresentado um projeto. Tudo certo, fiz minhas observações e deixei claro que tudo aquilo era um mero exercício de possibilidades e que eu mesmo percebia que muitas das atmosferas que estavam pondo na cena não funcionavam.

Questões que me chamam a atenção:

Atores não guardam suas posições e estão, na maioria dos casos muito distantes uns dos outros. Zé quer que a luz recorte a cena. Como recortar a cena com atores a uns 30 mts um do outro? Percebi que a luz tem que estar a serviço do ator constantemente. Não existe escuta por parte do ator. Alguns se colocaram à disposição para ensaiarmos e eles poderem perceber onde ir e onde se colocar. Vamos fazer isso, mas fico com esta impressão que tenho que estar a serviço, numa obra aberta, ou que se propõe a uma certa abertura, penso que todos devemos estar atentos e devemos “dialogar”, ora o ator edita, ora a música, ora a luz. Mas neste caso a luz nunca se impõe na cena, se fecho a luz os atores se mantem na escuridão e ouço “Luz”. Tenho que conseguir reverter isso. Acho que as ideias do uso de pinbeams vem daí, o ator sempre estará iluminado. Não gosto muito desta solução, cria um destaque que acho demasiado. Será que precisarei rever isso?

Vou recortar, vou deixar o ator no escuro e vamos ver o que acontece.

Ouvi, do Pedro (Felizes) que está no Oficina a um certo tempo que ele tem medo que a luz do Oficina fique engessada com o avanço tecnológico que estamos tendo e com a possibilidade de a luz ser gravada em cues. Diz ele que o diferencial ali é o fato de a luz ser aberta, de quem está na mesa editar e ser uma espécie de diretor. Pedro tem uma admiração profunda pelo que foi descoberto por Cibeles e no que se transformou a luz dentro do Oficina. Dois operadores na mesa, a luz seguindo a cena o tempo todo, pouquíssimas coisas pré-gravadas. Argumentei que achava que a luz ali dentro estava, ela sim, engessada e que poderíamos e deveríamos pensar em outras possibilidades, tentar trazer um novo olhar, tentar reverter este papel de subserviência que eles me passam o tempo todo: “isso o Zé não gosta”, “fluorescentes não são bem-vindas”, “isso o Zé vai dizer”, “a Catherine não acha bom isso”, “tem que iluminar a árvore”, “tem que iluminar a escada caracol”, “o público se ilumina assim”. Dogmas, regras, museificação de uma estética...

Até que ponto a transgressão do Oficina ficou na postura de seu diretor diante da sociedade, de sua estética do ritual, do prazer, do corpo e não avançou para que as outras áreas possam opinar sobre a cena ?

Não, espero que não pensem que existem imposições, de fato da parte do Zé não existem, mas as pessoas que estão a sua volta pensam que sabem o que ele quer e onde podemos chegar e aí vão tratando de podar sua criatividade e dizer o que você deve fazer.

Todas as vezes que me sentei com ele para discutir e propus algo foi aceito. Portanto seguirei discutindo, seguirei tentando trazer a tecnologia, a luz pré-gravada e um único operador na mesa. Preciso contribuir de alguma forma para que a luz dentro do Oficina de um salto no tempo e faça uso do que a tecnologia tem de bom.

Entendo o processo criativo com momentos de embate, atrito, divergência. Isto não significa desrespeito, falta de colaboração, muito menos falta de amor ou prazer no que se está fazendo, mas se somos criadores que temos autonomia nossas opiniões em dados momentos podem se confrontar e alguns embates podem acontecer, tudo a favor da obra em que estamos envolvidos. Creio que nesta experiência, fazendo luz no Teatro Oficina percebo que o que foi descoberto por Cibeles ficou intocável e como verdade absoluta. Dentro do oficina há uma reverência pelo Zé e um excesso de respeito. Eles tratam de entender o que o Zé vai pensar, mas não se atrevem a propor sem antes pensar no que ele achará desta ou daquela ideia. Isto tira o frescor da proposição, o risco e a instabilidade que a criação nos coloca. Passamos a reproduzir ideias que já circulam ali e que já tem sua aprovação, NÃO SAIMOS DO LUGAR, NÃO ARRISCAMOS, NOS ESTAGNAMOS.

Isto para um criador é a morte.

Me sinto num impasse, o mesmo que estive quando fiz Bom Retiro, do Teatro da Vertigem. Naquele momento neguei tudo o que poderia ser e fiquei num limbo, que me pareceu eterno, por um longo período até descobrir a luz da rua.

Estou de novo neste limbo pois me nego a reproduzir o que deu certo e estou em busca do novo. Posso ter que recuar, mas pretendo ir até o fim e descobrir novas possibilidades de se iluminar o Oficina, trabalhando com a composição da imagem em cada cena sem privilegiar o ator, mas a construção do tempo e do espaço, criando narrativas solidas para cada plano, não me deixando levar pelo belo( sinto que aqui ele é importante) e fazendo uso da tecnologia deixar que a luz se afirme como linguagem,

contribua pra cena, mas tenha qualidade todos os dias e não fique à mercê da relação humana em um dado momento, ou dependendo do grau de intensidade de envolvimento com a cena. A luz deve passar por momentos etéreos, por devaneios, pela poesia, pela abstração, pelo corpo, pela alma, mas em um dado momento ela precisa se concretizar e aí não tem como: Que refletor eu uso aqui e ali, que intensidade nesta e naquela cena, que cor, qual o tempo de entrada, porque afinar assim ou assado. Estas decisões são racionais, matemáticas. Depois posso retomar o etéreo, a relação corpórea, anímica, posso reestrutura tudo, mas em algum momento preciso pendurar meus instrumentos em algum lugar, e liga-los em alguns circuitos, quem me conduzirá? A alma? O cosmos????

Acho importante voltar a este texto que conceitua o projeto de Lina BoBardi e Edson Elito:

estrutura arquitetônica do espaço no desenho de luz.

A arquitetura Teatro Oficina Uzina Uzona, projetado por Lina Bo Bardi e Edson Elito, apresenta características muito peculiares, que dialogam diretamente com o conceito teatral proposto pelo diretor José Celso.

“Quando iniciamos o projeto e durante toda a sua concepção, Lina

e eu procuramos concretizar as propostas cênica e espacial de Zé Celso.

[...] Do programa que foi nascendo, eram princípios os conceitos de rua, de passagem, de passarela de ligação entre a rua Jaceguay, o viaduto e os espaços residuais de sua construção potencialmente utilizáveis e a grande área livre nos fundos do teatro; de espaço totalmente transparente em que todos os ambientes transpusessem um espaço cênico unificado –“todo o espaço é cênico”; flexibilidade de uso; adoção de recursos técnicos contemporâneos ao lado do despojamento, o “terreiro eletrônico” onde “bárbaros tecnizados” atuassem. (ELITO, 1999).

Isto vem reforçar o uso e novas tecnologias e suas possibilidades, dentro delas a automação, a robótica e a pré-gravação, O Barbáro tecnizado, como diz Zé Celso.

No trabalho de Francisco Turbiani para a Universidade de São Paulo na Escola de Comunicações e Artes com a Bolsa de Iniciação Tecnológica –PIC/USP (PIBITi/USP – CNPq-INSTITUCIONAL), intitulado: Uso de Equipamentos luminosos Não Teatrais na Iluminação Cênica Contemporânea em São Paulo, ele diz:

Outra característica marcante da encenação de José Celso que se reflete na construção arquitetônica do teatro é a busca por um espaço cênico total, ou seja, em que todos os lugares pudessem ser utilizados pelos atores. Assim, surge a necessidade de uma iluminação que possa acompanhar essa flexibilidade proposta pela encenação. Se a ação pode ocorrer em qualquer lugar do espaço cênico, os limites entre o lugar do espectador e o da representação teatral tornam-se turvos, ou seja, suas fronteiras se dissolvem em meio ao rito teatro. (TURBIANI, 2012)

São Paulo, 30 de novembro de 2018

Passei por diversas decepções ao longo deste processo. Nada tira minha dificuldade em ter um desenho. Olhando para o ultimo corrido percebo diversos problemas na luz. Faltam definições de tempo/espaço, falta acertar melhor as intensidades, falta precisão na operação, falta definir melhor os planos narrativos; texto, texto musicado, música, arquitetura, público, banda, arvore. As dinâmicas das músicas estão muito precárias, mas quando olho o roteiro como um todo existem avanços. O maior deles é o fato de termos um roteiro, um documento que nos guia para pensarmos os momentos e sabermos onde está frágil, onde precisa mudar e o que conservar. Falta um longo caminho e vira e mexe perco o entusiasmo. As dificuldades são imensas. Não são dificuldades criativas, elas também existem, mas técnicas, de produção, de convívio com as demais áreas e de tempo para poder trabalhar. Vamos aos problemas;

O espaço, assim que anoitece está ocupado, seja por músicos, por atores, por direção. Isto nos impossibilita apagar tudo e corrigir cenas. Acabamos o trabalho por volta da 01:00hs da madrugada. A energia foi-se embora e a única coisa que

vislumbramos é nossa casa. Ficamos num dilema, que horas corrigimos para que no outro ensaio consigamos dar um salto? Não conseguimos e a luz não avança. Fizemos uma série de encontros a tarde, a equipe de luz, com o texto em mãos, conversando e roteirizando. Isto depois de um bom tempo ensaiando. Foi extremamente positivo e daí saiu o roteiro que temos e seguimos corrigindo. O Zé quando inicia seus trabalhos, diferente de outros diretores, quer o espaço a disposição dele. A luz tem que estar a postos e fazendo climas, iluminando cenas. Mesmo que ele vá ler um texto e ter alguma discussão, ele quer luz, isso inviabiliza aproveitarmos o tempo e corrigimos cena. As vezes chega pedindo um monte de coisas; quero luz nas paredes, quero luz na arvore, quero luz, quero luz, quero luz. Tentamos argumentar, mas não adianta. Sempre me pergunto o que fazer com discurso artístico x procedimentos antagônicos aos discursos???? Vamos lidando com as contradições, com as demandas, com as autoridades. Tenho enfrentado dificuldade em “ler” algumas observações, tento reagir positivamente e alterar tudo o que me pedem, sempre fui assim, tenho lá minhas convicções mas abro mão sempre. Mas ontem, as vésperas de um ensaio, para eles extremamente importante pois serão patrocinadores do grupo, jornalistas que irão escrever sobre o trabalho, ao chegar ao teatro fomos pegos de surpresa com o piso já instalado e parte de nossos equipamentos desligados e retirados do seu lugar de origem. Respeito, cronograma, dialogo entre as áreas... Aí fico me perguntando, cadê a colaboração, porque alguns profissionais olham somente pra seu espaço, pro seu trabalho e desconsideram, desrespeitam o trabalho alheio. O que mais me impressiona é que isso se dá com cenografia, uma área que precisa ser irmã da iluminação.

Outro dia deixaram umas placas de madeira tampando nossos setlights que iluminam a estrutura do teatro, desligam algumas refletores... Ai quando você vai pro ensaio as coisas estão meio capengas, difícil trabalhar assim, sem respeito. Estou bem light, os 62 anos estão me fazendo repensar as brigas que já tive por ai. Soma-se a tudo isso a dificuldade de Zé e Catherine, sua conselheira, de aceitarem o uso do LED em algumas situações. Me sinto preso nos anos 60/70. Tudo o que falam ou pedem tem a ver com esta estética, uso de lâmpadas halógenas, a cor feita com filtros e o belo. Zé me falou umas das ou três vezes que a luz tinha que ser bonita...O que fazer com isso. Me vejo em um espaço que é tido como transgressor, que olha pro teatro além de suas portas como algo careta, que trabalha com a libertação dos sentidos, dos corpos, da

moral, que critica a sociedade neo pentecostal, mas que no campo da luz é conservadora, tradicionalista e tem dificuldades de olhar pro futuro.

Fui ler algumas coisas sobre a arquitetura ou trabalhos feitos sobre a luz ali dentro e vi frases de Lina Bo Bardi e Edson Elito, responsáveis pelo projeto arquitetônico em que falam de “terreiro eletrônico” e de “bárbaros tecnizados”, o próprio Zé me falou disso outro dia, mas ao se deparar com a tecnologia ouço coisas do tipo “a luz do led não toca a minha alma, a minha pele” ou “o led a uma certa distância não bom”. Bem, estamos lindo com isso, a minha leitura é de um teatro que está refém de suas estética e não consegue mais se reinventar, se autocriticar, olhar pra seus trabalhos e conseguir romper com suas próprias amarras. Não sou teórico e o que sinto isso tudo, meus argumentos para defender estas afirmações são meus dias ali e as questões que venho lidando pra fazer meu trabalho acontecer.

Além disso meu processo me coloca sempre em um lugar de fragilidade, durante boa parte do tempo. Dou autonomia para minha equipe, o roteiro do primeiro e segundo ato foi gravado sem mim. Ao ver o ensaio é que comento o que foi feito, aponto correções. Lido com os ensaios como o lugar do erro, do risco e de apontamento de caminhos. Mais à frente vou tomar as rédeas e decidir o que tiver que decidir, mas antes quero ver os corpos reagindo a luz, o espaço iluminado, as diferentes possibilidades de recortes para pista...

Não estou feliz, mas não acho que é o fim do mundo, o trabalho de criação faz nos confrontarmos com nós mesmos, nossos medos, tensões, fragilidades, angustias, conhecimento. Não tenho medo de me desnudar e deixar que percebam que estou perdido, que não sei o que estou fazendo, que o que estou apresentando é ruim, tenho medo de não arriscar, de não propor, de não transformar, de não provocar, estas possibilidades me apavoram.

Tenho dormido mal e não tenho feito nada direito, mergulhei de cabeça nisso, alguma coisa deve sair daí.

Fortaleza, 30 de novembro de 2018

Algumas correspondências.



---

**De:** camilamota

**Enviada:** Sábado, 13 de Outubro de 2018 21:01

**Para:** sergioluis

**Assunto:** montagem de Roda Viva

boa noite!

ótima nossa reunião hoje no sesc.

vou colocar alguns pontos acertados hoje pra seguirmos na roda viva.

**MONTAGEM E ENSAIOS**

dias 03, 04 e 05 de dezembro

03 e 04 - das 08h às 22h

05 - das 08h às 24h (observando restrições de som a partir das 22h)

dia 03 - 08h da manhã - início retirada palco sesc pompeia + descarregar caminhões +  
montagens que não são no centro do palco

a partir das 13h - montagem em todo espaço

obs.: sala de ensaio no anexo esportivo durante os três dias

**RIDERS TÉCNICOS**

as equipes do teatro oficina enviarão riders e no dia 24 de outubro, 21h será realizado um ensaio corrido do primeiro ato no teatro oficina com a presença da equipe sesc para conhecerem as necessidades da peça, movimentos de coro, volume da demanda de microfonação, etc...

---

**Assunto:**

Re: montagem de Roda Viva | contatos equipe

**Data:**

14/10/2018 18:31

Valeu pelas informações Camila, estou muito feliz em estar com vocês, trata-se de um desafio que já mergulhei de cabeça, não consigo mais pensar em outra coisa. Espero não decepcioná-los.

Gostaria de pedir que incluísse o Padu em todos os e-mails, ele esta comigo no processo como meu assistente, se puder convidá-lo pra ter acesso ao texto te agradeço.

beijos

*Guilherme Bonfanti*

---

**Assunto:**

Re: RODA VIVA // processo

**Data:**

17/10/2018 09:57

Muito bem. Vemos aí. Amanha podemos nos encontrar a tarde

Abs

Guilherme Bonfanti

---

Em 17 de out de 2018, à(s) 08:46, Padu Palmerio escreveu:

Maravilha!!!

3D saiu do forno, só confirmar a altura das varas centrais, porque a planta não veio certo! Quando você chegar, já estaremos com os refletores posicionados.

<oficina\_in\_progress.PNG>

Tive umas ideias sobre como fazer a geral da abóboda, podemos usar algemas + canos nas barras da plateia do 3º andar. Precisa ver a questão de segurança e interferência no espaço, mas talvez seja uma saída pros refletores ficarem centralizados. Vou confabular melhor e depois conversamos sobre o que você acha.

Aproveita esse banho de mar! Abraço!

Em ter, 16 de out de 2018 às 22:11, Guilherme Bonfanti escreveu:

Bacana, é o que sempre falo pra quem esta comigo. NÃO PERCA O FOCO. E qual é o foco ?

1- Termos uma primeira planta para montarmos dia 22.

2- Nesta planta o desafio é achar a distribuição da Geral ( frente e contra). Levando-se em conta a abóboda.

3- Os demais itens são importantes também mas a Geral é o nó.

4- fazer a roda girar, isso quer dizer obter respostas e ações práticas do Oficina.

Outra coisa importante é vc não ser invisível pro Zé e Catherine. Se apresente e todo dia de um jeito de conversar um pouco com eles. É importante que o Zé veja, saiba quem é você e confie.

Se tiver duvidas deixe claro que tem duvidas e sempre diga que vamos conversar.

Você sabe o que estou querendo fazer, ter todos os planos separados e poder articulá-los como for necessário pra contar esta história, neste espaço.

Você tem autonomia, só tome cuidado com o que promete. Use sempre o “pode ser”, “vamos ver”, “vou falar com o Guilherme”.

Me ligue quantas vezes quiser e precisar.

Abs e obrigado !

---

Guilherme Bonfanti

Em 16 de out de 2018, à(s) 21:55, Padu Palmerio escreveu:

Muito massa o relato!!

Já percebi que o ritmo é diferente mesmo. Pode deixar que ficarei no cangote. A Cyntia marcou para amanhã minha visita (estava tendo ensaio do Rei da Vela), mas fui no Oficina agora pouco de qualquer jeito para medir alturas de varas e tirar umas dúvidas das plantas. Estou montando a estrutura do teatro no 3D (Chico deu umas dicas na aula de manha), espero acabar hoje e a partir disso me dedico somente à iluminação e posicionamento dos refletores. Parece que vai ter ensaio do Roda Viva amanhã, fico lá direto e quero bater ponto a ponto sobre o rider & workflow.

Vamos falando!

Abs!

---

Em ter, 16 de out de 2018 às 07:37, Guilherme Bonfanti escreveu:

Padu,

Só pra vc poder saber minhas inquietações, este material ainda vai ser revisado e seguirei escrevendo. Depois de ler jogue fora por favor.

Preciso que vc mantenha pressão total pra montarmos no dia 22/10 pela manha. Sinto que eles são diferentes do meu jeito de trabalhar. Trabalho com a Urgencia e gosto de estar sempre um passo a frente da cena pra poder olhar tudo com calma e mudar o que for preciso. Temos que fazer o ensaio com uma luz inteira montada. Mesmo sendo um caos e cheia de equívocos, preciso olhar pra isso e entender o que temos que fazer.

abraços

*Guilherme Bonfanti*

---

**De:** PaduPalmerio

**Enviada:** Segunda-feira, 15 de Outubro de 2018 22:14

**Para:** Guilherme

**Assunto:** RODA VIVA // processo

Boa noite!

Hoje falei com a Luana sobre a planta e amanhã vou fazer visita no Oficina com a Cynthia. Tudo caminhando bem.

Achei uns textos bem interessantes: texto original do Roda Viva, críticas do espetáculo, o artigo do Chico sobre o Oficina/Cibele. Juntei numa pasta online com as plantas, assim fica fácil o acesso. Vou alimentando com coisas novas e te aviso:

[https://drive.google.com/drive/folders/1zsscJeZJneteWs9xAUgMMla4ty1HkaGS?usp=s\\_haring](https://drive.google.com/drive/folders/1zsscJeZJneteWs9xAUgMMla4ty1HkaGS?usp=s_haring)

Espero que esteja tudo certo ai! Abs!

---

**Assunto:**

Re: montagem de Roda Viva | contatos equipe

**Data:**

01/11/2018 13:47

Não sei muito bem, ainda, com quem trato alguns temas por isso elenquei produção, Camila, Marcelo, Luana e Pedro.

Preciso de algumas definições pra seguir pensando a luz:

1- teremos pintura ?

2- tenho lidado com um problema de manutenção pra ter o rider do Oficina completo. Preciso comprar lampadas, carcaças, fios etc. Estou tentando um procedimento de economizar energia e luz/ lampadas dos refletores de cena pois as lampadas não param de queimar e imagino que a conta de luz é alta. Estas compras, sugiro, que não saiam do orçamento da luz para o RODA VIVA. Não tenho condições de repor equipamentos e pensar uma luz para as dimensões do Oficina com R\$ 15.000,00. Impossível . Peço que repensem isso. Sugiro separar MANUTENÇÃO e ESPETÁCULO.

3- tenho uma fachada pra iluminar, de novo a questão orçamentária. FACHADA, MANUTENÇÃO, ESPETÁCULO, tudo com os R\$ 15.000,00...

4- DIMMERS. E MESA, precisam URGENTE de revisão.

5- Tenho muita preocupação com a elétrica do teatro, cabos velhos, ressecados, plugs e conexões velhos, algo tem q ser pensado.

Desculpem me intrometer nisso tudo, joguem fora o que quiserem daqui, não estou sendo alarmista, mas sim realista e com muito amor e preocupação com vocês

Beijos

Guilherme Bonfanti

---

**Assunto:**

Re: a semana que entra! cronograma

**Data:**

24/11/2018 21:31

Salve Todxs,

Ainda não aprendi a falar em Oficinas por isso vai no Vertigines mesmo.

A luz tá muito distante do primeiro ato e mais próxima do segundo por isso tenhamos claro o processo. Ainda estou entendendo tudo, tentando fazer Cynthia se entender com minha maneira de trabalhar e de colocar a luz na cena e entendendo como vocês criam, creiam.

Digo tudo isso para que sejam olhares generosos para o q verão/sentirão em seus corpos e espaço nestes corredos.

Até a nossa volta pós Rei da Vela estou trabalhando mais no sentido de construir atmosferas que os ajude a estar em cena, ainda me faltam recursos.

Sigo buscando as atmosferas pra que nossa Roda Viva,

Beijos

Guilherme Bonfanti

---

Em 30 de nov de 2018, à(s) 01:45, Guilherme Bonfanti escreveu:

Amigxs,

De novo eu aqui...

No ultimo corrido ouvi atentamente todas as criticas do nosso querido diretor, a quem tenho uma profunda adminração. Tinha em meu celular umas duas dezenas de notas para Cynthia e Padu. A cada corrido ouço atentamente as criticas, pedidos e indicações sobre como deve ser o desenho, as atmosferas, as leituras que devo traduzir com luz. estou atento, mas meu processo é assim, deixo o caos dominar, dou autonomia absoluta a quem trabalha comigo (Padu e Cynthia), confio neles, sei que o erro, junto com minhas observações vai fazê-los dar saltos.

Do meu silêncio observo tudo e devolvo pra eles o que precisa mudar o que tem que jogar fora e o que devemos aprofundar. Agora estou descobrindo atmosferas, cores, texturas, quais angulos funcionam, quais não, qual a geografia da cena, nada esta definido, tudo esta pra ser apontado, comecei não deve fazer um mês no processo...

O espetáculo é muito difícil, o espaço é muito difícil, cheguei com uma serie de demandas: A luz no Oficina é assim, é assado, tem que iluminar isto, aquilo, aquilo outro, Cibeles fez assim, Cibeles fez assado. Meu processo foi jogar tudo fora, negar tudo o que era e tentar entender o que eu achava de tudo aquilo. Sou ligado a espaço, crio a partir dele, no Vertigem meu trabalho é este, selecionar o olhar, criar zoom, grandes angulares, me relacionar com a arquitetura, explorar o espaço, resignifica-lo. São 26 anos fazendo isso. Não desaprendi, mas estou me deixando romper com o que foi feito, até pra retomar o que for interessante. Quero liberdade pra criar, opinar, quero poder contribuir com vocês de alguma forma.

Concordo com quase tudo que o Zé apontou e vou mais longe; falta precisão ( no desenho e na operação), falta dinâmica nas musicas, falta definição dos planos narrativos ( diálogos, diálogos musicados, musica, TV, relação com publico, arquitetura, construção de tempo/espaço, arvore), a luz esta dura, entra em blocões, muitas vezes excessivamente intensa, o que faz a imagem ficar sem contorno, chapada.

Mas querem saber, tudo bem pra mim, afinal estamos ensaiando e estou olhando e ouvindo atentamente, uma hora isto dá um salto.

Vão desmontar tudo pra pintar, então por que vou me incomodar com algumas coisas desafinadas, alias vou mudar coisas de lugar, percebo que a banda não esta sendo iluminada do melhor lugar, montaram uma pista nova e ninguém me avisou que seria hoje, tiraram todas as minhas ribaltas do piso e mais alguns refletores, um dia antes do ensaio pra imprensa e publico, devo ficar triste, bravo ? Não, vou re instalar e esperar que um dia "Alô Alô Terezinha " nos comuniquemos melhor, ah colocaram chapas de madeira em frente aos meus refletores, será que alguém sabia que tinham refletores ali  
????

Só discordo de uma coisa de Zé e Catherine.

Acho que a artificialidade das cores do Led, conceitualmente, tem tudo a ver com esta peça. Será que estou certo ? Temos um celular no altar, o mundo midiático intermediando as relações humanas, as redes sociais, as fake news, querem mais artificialismo nos tempos em que vivemos ? Neste sentido um vermelho artificial não deve mesmo tocar minha pele e me tocar a alma, deve, ao tocar minha pele quase me queimar de tão falso que é.

Gosto deste jogo, escolho meus equipamentos de acordo com aquilo que a peça propoe como discussão, crio um jogo conceitual entre a técnica e a estética. Me desculpem, Zé e Catherine mas o Led veio pra ficar, vivemos uma ruptura como foi da luz natural para o fogo, do fogo para a luz elétrica, e agora da luz elétrica para estes maravilhosos diodos emissores de luz (Lighting Emission Diod), querem coisa mais contemporânea neste terreiro tecnológico, com estes bárbaros tecnizados, já diziam Lina e Elito... Meu papel como pesquisador de luz, desenhista e formador é enfrentar este problema. Não posso ficar preso aos equipamentos surgidos na década de 40/50. Acho o meio do teatro extremamente conservador e careta em relação a luz e ao uso das novas tecnologias. Tenho pesquisado exatamente esta questão: Tecnologia x tradição... Quero errar, mas quero experimentar...

Desculpem-me provocá-los com este textão, mas acho importante entenderem por onde caminho. Quando não estou aí, visível por todos, estou na sombra, de onde gosto de observar, estou em casa, como agora, trabalhando pela peça, saio de um compromisso e vou ao teatro depois que todos se foram e fico com Cynthia tentando criar dinâmicas para as musicas, falo com eles o tempo todo, tenho trabalhado no mapa do Pompéia e no mapa final daí do Oficina. Terei de 10 a 16, se deixarem, pra gravar, elaborar e aprofundar tudo o que tenho ouvido. Por favor continuem falando, criticando, observando, isto é bom pra mim, minha profissão é muito solitária, adoro quando tenho questões pra enfrentar.



Sempre brincava com o Tó em nossos trabalhos quando eu estava com um trabalho ainda frágil, dizia: I "Calma Tó, quando abirmos estarei pronto, mas eu tenho certeza que ainda não"...

O milagre do teatro não se dá por acaso, trabalhamos pra caralho e uma hora o jogo vira, a Roda Viva Vira...

Péssima tentativa...

Fortaleza, 01 de dezembro de 2018

De longe acompanhei o corrido de ontem e coloco aqui alguns relatos do Chico (Francisco Turbiani) que desde o Filho tem feito um trabalho comigo de crítico do processo, divido com ele discussões conceituais sobre meu projeto, pedi que Cynthia (Monteiro) que está operando a luz também me escrevesse e ao Padu (Palmerio) que está fazendo assistência me mandasse suas impressões, vou falar com Luana (de la Christi) que vem trabalhando com o Teatro Oficina, operando e desenhando em alguns dos espetáculos, vou pedir também que Filipe e Ana escrevam, bem como Pedro (Felizes) que junto com Luana também é do grupo Oficina.

Estamos encerrando uma etapa, avançamos, mas não o suficiente. Temos uma estrutura que ainda é frágil, mas agora conseguimos nos organizar para avançarmos. As coisas vão ficando cada vez mais claras, tanto as positivas quanto as negativas. Passei por diversas crises; criativa, de achar que não estava contribuindo com nada, estou contribuindo? Das relações, por achar que no Teatro Oficina a luz não tem espaço criativo, ela tem que estar a serviço do Zé e da Catherine, será mesmo isso? Dentro da própria equipe, extremamente apegados ao que Cibeles construiu e ao que é a estética do Oficina, o que o Zé a pensaria e dizer sobre o que iria apresentar, uma certa censura prévia, no fundo com boa intenção, mas isto me atrapalhou muito, me bloqueou, não tenho nenhuma dúvida. Por fim uma crise de perceber a precariedade técnica da luz dentro do grupo, falta de espaço, falta de recursos, equipamento sucateado. É hora então de refletir, nada melhor do que dar voz a todos.

## Relato Francisco Turbiani, Crítico do Processo de Luz

Recebi do Chico o seguinte e-mail e o seguinte texto:

“Segue,

fiz de maneira livre, colocando minhas reflexões, para que fiquem registradas, no formato caderno mesmo. acho que dá para revisar depois, se for publicar no seu caderno de processo.”

Anotações Caderno Chico Turbiani

Ensaio Roda Viva Teatro Oficina

30/11/2018

Transcrevo primeiro todas as anotações do meu caderno, nelas se misturam questões técnicas, de desenho, de roteiro, estéticas e conceituais.

INICIO

Zé fica pedindo luz na banda antes do início, mas se tudo já está aceso, para onde crescer? Como criar dinâmica?

Abóboda acesa.

PUBLICO ENTRANDO

Branco dimerizado dialoga com a música de entrada, tem algo de sóbrio. (Duvida: intensidade atrapalha o público a entrar? Já respondo, acho que não, é bom). Destaque na Caveira.

Entra um ator com uma pira, andando, ela ainda acesa, achei que era cena e estranho não ter luz para ele, mas depois percebi que não, não era cena.

Entra um ator com a pira, entra um seguidor nele. Entra outro ator com uma vela, um seguidor com ele tb. Jogo dos seguidores é muito bonito, com a geral dimerizada. Tem uma força plástica, dialoga com o Oficina, mas sem a cor cria uma qualidade muito interessante.

O que é um elipso aceso desde o começo? (depois entendi, mas parece que ele está com um difusor que tira todo o brilho dele).

2 ator sobe escada (colocar luz na escada para ele?)

“MERDA” 3 SINAL

TROMPETE

O espaço cresce, somam as escadas de marinho, movimento muito bom

Espaço se fecha (invade a pista, depois se concentram no meio). Mudar tempo da CUE, deixar mais lenta, para acompanhar o tempo do coro invadindo a pista. Mas todo esse movimento de ir fechando é muito bom.

MUSICA: criar dinâmica no branco, achei estático (mas só com o branco, conceitualmente o branco no começo é interessante). Sem medo de chase, de dinâmica, de combinar chase, de colocar chase na geral tb.

Corredor amarelo +fonte (pista se antecipou, antes do coro avançar para pista)

No amarelo, abre uma escada branca para um dos mascarados. Com moving, acho que dá para deixar todos na mesma qualidade.

Começam a cantar, achei estranho entrada do branco (geral), crescer nas manter o amarelo.

Coro vai para Altar. Chase ficou tosco, só a ribalta não tem força com a geral, a geral mata qualquer dinâmica e deixa pobre, fica tímido.

TV é Branco do LED? Se sim o branco da lâmpada tinha que ter saído antes, já na música, que já falava sobre isso. LED mais frio acho que traria mais contraste para essa TV, comparada a ao branco da lâmpada.

Isso foi uma tela de TV que caiu??

Entrada mais lenta da estrutura, que vá acompanhando o movimento do coro.

Anjo, plasticamente muito bom, inaugura um plano narrativo na cor, alguma intenção de associar o azul ao anjo? Pq fiquei com a impressão que não depois.

“Contrato”: durante toda a cena não fica um seguidor em cada um? (entrou depois)

Marcha militar: cor pálida é boa, mas geral atrapalha nesse momento, podia usar só os leds a pino com a mesma coloração.

Tiros: achei sutil, podia virar mais a luz

Logica dos chases, das músicas tem que ser estruturada como um show de música, guardar as cores, escolher as cores de cada música, as dinâmicas de cada música. Como não tiverem tempo de fazer isso ainda, as músicas acabam ficando muito iguais.

Geral lâmpada mata os chases, se é outro plano é outro plano.

Chase RGB básico na musica Lá Lá Lá Lá Lá ficou interessante.

“Chico Buarque”: Vermelho inunda a pista, forte, muito bom.

XUXA: está genérico: QUAIS AS CORES DELA, QUAL A DINAMICA DELA? PEGAR REFERÊNCIA DO PROGRAMA DELA, DAQUELA NAVE BIZARRA QUE ELA SAIA NO PROGRAMA.

Strobo bom para funk (mas geral dá uma brochada)

AZ na saída do pop star pela porta é bom, mas atrasou.

AZ celestial, muda para rosa, muda para vermelho (estupro) (movimento muito interessante, boa dinâmica).

A geral não é um problema em si, mas em alguns momentos, nas músicas, cria uma indistinção, uma coisa nebulosa. Isso tem dois problemas, enfraquece a dinâmica das músicas, que precisam de movimento, e dificulta a separação dos panos narrativos. A geral nos momentos de diálogo é muito boa.

“Bem Silver”: efeito de ECO, luz poderia jogar junto. Com ML, símbolo do espetáculo.

Musica das mulheres TV: entrou um chase que não tem nada a ver, RGB, chases estão um pouco sem critério.

Momento de projeção: só a estrutura é bom.

“Bem Silver”: dois seguidores só para deixar o azul e tirar a geral é bom nesse momento.

TROMPETE: pino rs e geral az, esteticamente muito forte, tem definição esse momento. (é uma música: “vem...por favor não evite”)

GERAL DE LAMPADA É O LUGAR DO TEXTO, DO DIÁLOGO, NÃO DA MÚSICA.

A construção de planos está se dando em alguns momentos pela segmentação do espaço, mas em muitos momentos pela cor, creio que essa é uma dinâmica acertada.

Muito bom a cor ir fechando com o avanço do público para o meio. O corte com Geral bco que interrompe a trepada tb.

Sirene VM: bom. Podia cair um pouquinho a geral de lâmpada para aparecer um pouco mais o efeito.

Conversa fechada só no meio: bom

“Extra”: não é tv? Não é led bco? Cadê a construção de planos?

Entrada dos mascarados: luz da porta é muito boa, tem força, mas eles entram nesse branco? Com esses atabaques? Plano deles não é o amarelo?

Musica “boneco papel”: fechada é boa, piscada no TUM, TUM, chase na plateia (são bons esses elementos, criam uma dinâmica boa.

BAR: muito frágil do ponto de vista técnico, faz com que suma no todo e não se instaure como um plano que está ali.

Cena da pirâmide: Não entendi uns refletores sendo reafinados durante.

Strobo para raio: muito bom.

Cena com os fãs: bco lâmpada é bom.

Coro vai para fonte: luz atrasou.

Colocando mascara: deixa fica esperando eles se montarem e depois faz uma virada curta, pq não fazer uma virada lenta e começar antes? A música já está entrando, o clima se instaurando. (esperou o “aleluia”)

Musica com tecido azul: confusa

Entram tvs e apresentadora (diabo): plano no altar muito bom.

Saida do coro: valorizar a banda, tudo vai saindo e a banda sai por ultimo.

Quando Mané sai para pista, não faria sentido invadir o espaço com uma qualidade de remete ao BAR ( musica “eu Bebo, eubebo”)

“O poeta se queixou”: virada muito brusca.

Trabalhar as intensidades da banda

Musica roda viva não foi boa, confusa.

Strobo na entrada do coro com uma cruz é estranho, não entendi.

Fala: Base é branca, AS VEZES ENTRA COR PARA PONTUAR? PARA SE RELACIONAR COM A MUSICA.

“Peo bem ou para o mal vai mudar”: cena tem problemas, precisa de ensaio, luz tem problemas tb.

Geral AMARELA tem um buraco grande no lado da porta.

“AGRO É POP” divisão do palco é muito boa, vd serra elétrica muito bom, com o seguidor.

Presida ficar o altar quando o AGRO fica ali? Não mata a cor.

Saída do avião muito boa, fechando aos poucos.

Tablado em cima da porta está bem desafinado

Musica “foi um párea” muito bom, com a estrutura entrando e saindo.

Virada para sian boa, cena do carro muito interessante.

Chase na musica do anjo funcionou, ficou bom.

“Flores” chase bom tb”

## Impressões e reflexões Chico Turbiani

Tentarei discorrer sobre algumas impressões que tive do ensaio que vi, do espetáculo *Roda Viva*, do Teatro Oficina, cuja iluminação é do Lighting Designer Guilherme Bonfanti.

Antes de falar do espetáculo propriamente, tive algumas percepções sobre a dinâmica de trabalho no que tange a relação direção, iluminação e grupo. Antes do ensaio, a equipe de iluminação estava correndo para terminar a gravação pendente de alguns momentos do roteiro (isso é natural visto que os equipamentos LED tinham chego nesta mesma semana).

Contudo, esse trabalho era muito prejudicado por demandas de luz vindas da direção e do grupo, de acender o espaço, colocar uma luz que criasse determinado clima para a concentração, etc. Nenhuma dessas demandas da direção é absurda ou estranha, pelo contrário, são pedidos comuns em muitos grupos e o problema não reside exatamente nisso. Percebo que o espaço e o grupo têm algumas singularidades que, na prática, dificultam o trabalho da iluminação. O primeiro é o fato do espaço não possuir Black-out, ou seja, não é possível gravar, afinar, trabalhar a luz de dia, pois a noite se tem um resultado completamente diferente. Segundo que a noite o espaço está ocupado todos os dias pelo ensaio dos atores e da peça, e é utilizado para atividades de toda natureza (ensaio, conversa, reunião), que poderiam ser deslocados em alguns momentos.

O resultado disso é que a iluminação não tem espaço para se desenvolver, para se preparar para o ensaio (o que inclui, afinações, gravações, testes, preparação de propostas). Assim a luz fica a reboque da direção, que parece não perceber o tempo processual da luz, processualidade essa que precisa lidar com sua própria materialidade (técnica). A direção exige a luz pronta sem entender os meios técnicos para que isso ocorra. Para iluminação é impossível dar conta, está sempre a reboque.

Quanto ao ensaio, transcrevi minhas anotações, que passam por reflexões mais complexas até as impressões mais banais.

Em termos gerais, a lógica é coerente. A iluminação está buscando construir uma narrativa da cena, que me parece ser fundamental na linguagem do Teatro Oficina. Como diria a Cibeles Forjaz, em um teatro dionisíaco é preciso que a luz seja apolínea. No sentido de organizar o olhar, conduzir, dizer o que se vê e como se vê, apontar, com

alguma didática, que esses dois momentos do espetáculo ocupam um mesmo lugar dentro da ficção. Para que o público não se perca dentro da história.

Creio que isso fica evidente, no jogo entre lâmpada halógena para as cenas dialógicas, lâmpada halógena mais LED e cor para os diálogos musicados e COR com dinâmica de show para os momentos musicais. Além disso, a associação de planos para diferentes cores é forte (vermelho para diabo, azul para o anjo, led branco para televisão, colorido para o agronegócio sertanejo, amarelo para as máscaras e os cangaceiros) Obs: senti falta desse jogo mais específico para a cena da XUXA e se não haveria como diferenciar o plano das máscaras dos cangaceiros.

Do ponto de vista da distribuição (sistemas) creio que o desenho é coerente, e ocupa o espaço de forma inteligente. Há problemas de afinação, como buracos nas gerais (a par 64 quando dimerizada diminui de tamanho, perdendo suas bordas) ou o tablado sobre a porta de entrada.

O grande problema nesse momento do processo (que no fundo não é problema, mas só uma etapa natural) reside na construção do roteiro. O roteiro é fundamental para a construção narrativa que está sendo proposta.

Primeiro na separação dos planos, entender o que é cada momento, separa-los e junta-los quando necessário, com clareza para que não vire tudo uma luz indistinta, com os sistemas se sobrepondo e se eliminando. Em alguns momentos (principalmente o primeiro ato) isso aconteceu. O segundo ato me parece um pouco mais claro quanto a isso.

Segundo nas dinâmicas de transição, os tempos estão muito similares, médios, e podem se conectar mais com a ação cênica, algumas transições podem ser mais longas, acompanhar toda uma ação, outras muito bruscas, junto de um movimento abrupto da cena ou da sonoplastia. Sinto que o roteiro ainda tem que olhar para isso.

Terceiro na relação com as músicas. Creio que a lógica é similar de um show musical como qualquer outro, encontrar as dinâmicas, cores e atmosferas singulares de cada música, para não ficar sempre um colorido genérico. Isso também é construção de narrativa visual.

Me parece que o trabalho do Guilherme tenta trazer uma autoria sem abrir mão de elementos da linguagem construída pelo Teatro Oficina. Primeiro, a plasticidade que valoriza o belo, o estético, a profusão de cores. Segundo, a luz que narra a história junto com a peça. Isso é fundamental. A luz narra justamente para articular a ficção com o

rito. Pois não é só rito, tem história, tem personagem, tem uma fabula a ser acompanhada. A narrativa da luz impede que o rito engula a ficção. Que a ficção ainda seja passível de ser acompanhada, fruída, conduzida. Assim, o espectador se liberta do esforço de compreender, ele é conduzido, e a fruição é mais tranquila, liberta, pode se jogar no rito, na festa, com maior liberdade.

Ao mesmo tempo, Guilherme trabalha isso da sua maneira. A criação de um roteiro gravado, aberto para mudança, para o imprevisto, mas gravado. E cabe uma observação que gravar em nada aprisiona a operação. O que aprisiona a operação são roteiros MAL gravados. O uso do LED, do Moving Light, equipamentos que permitem um diálogo muito interessante com a linguagem do grupo. Tanto a ideia de um terreiro antropofágico tecnológico, que devora todas essas tecnologias e as mistura, como a flexibilidade que esse equipamento possui, ajudando a construir uma cena que é muito móvel, que assume todo o espaço como cena, como teatro.

---

Relato Ana Gabriela Rossetto, Operadora de Canhão Seguidor

#### RELATO SOBRE PARTICIPAÇÃO NO *RODA VIVA*

Bom, vou começar pelo macro para depois chegar ao que eu sinto do processo de criação da luz.

Primeiro, fiquei muito feliz com o convite para poder acompanhar. Tenho várias questões ainda com os processos de criação que vivenciei nos núcleos na SP mas interpretei o convite como um voto de confiança e por isso fiquei muito contente.

Chegar no Teatro Oficina fazendo o *Roda Viva* nos tempos em que estamos foi extremamente especial para mim. Admirava muito o Teatro pela atuação na época da ditadura. Ano passado assisti pela primeira vez a uma peça deles e nunca imaginei que tão logo depois trabalharia em um processo.

Durante esse tempo em que estive aqui, no entanto, algumas coisas se desmancharam na minha percepção. Apesar do discurso de transgressão e liberdade, percebi que o Oficina está muito estruturado ainda no que eu chamo de tríade maldita



tradicional: o Diretor, o Texto e o Ator. Entendo a dimensão política e importância histórica cultural que o Zé Celso tem, mas quando digo isso me refiro ao processo criativo em que essas três áreas aparecem em uma hierarquia superior em relação às demais. A figura do *José Celso Martinez Corrêa* se desmistificou um pouco à medida em que eu fui acompanhando as rodas de conversa e percebendo que declarações compatíveis com a pessoa que ele é: um homem branco e cisgênero. O processo entre as áreas também me parece um pouco separado, em que cada área compõe sozinha e soma à cena. Ainda está nebuloso na minha cabeça como essa relação entre áreas se dá no teatro profissional pois imaginava que seria diferente do que acontece na SP... Parece que nem tanto...

Nos primeiros dias em que fui aos ensaios, me perguntei por que coisas tão simples demoravam tanto para serem feitas. Aparelhos em péssimo estado de conservação com ferrugem, acessórios faltando, lâmpadas queimadas e guardadas, refletores espalhados por todo o teatro, a falta de organização do material de iluminação como gelatinas e ferramentas são algumas das coisas que me chamaram a atenção. Acredito que não ter um lugar próprio para guardar todo o equipamento de luz também seja prejudicial no sentido de ter que rodar o teatro inteiro para instalar um simples aparelho. Uma verdadeira bagunça. Não pude deixar de comparar com a organização que temos na Roosevelt e, principalmente, com o ateliê que temos no Brás. Percebi que esse espaço destinado a iluminação não era algo comum e mais uma vez fiquei muito feliz por termos conseguido-o, tanto o físico quanto o de reivindicação das condições tais como ferramentas, mesas de trabalho, respeito e entendimento das necessidades da nossa área.

A rede elétrica antiga (ter que fazer adaptadores) e a falta de compartilhamento das informações sobre vias também é algo que compromete o desenvolvimento do trabalho, ficando sobrecarregado em uma única pessoa e impossibilitando que outros terminem essa tarefa.

Em suma, são esses três problemas técnicos que identifico como os principais: conservação dos aparelhos, organização do material e comunicação sobre a rede elétrica antiga.

Outras coisas que também me chamaram a atenção foram: questão da segurança (trabalhar sem luva, ficar dependurado para botar um refletor, subir em estruturas muito altas sem pontos de ancoragem, etc), falta de cuidado com o espaço (ir deixando o material solto pelo teatro, não recolher o lixo produzido), acúmulo de tarefas pequenas e incompletas e pintar as estruturas metálicas quando há tantas goteiras.

Agora, falando sobre o processo de criação da luz... Desde que entrei na SP tenho dúvidas sobre desenvolvimento do conceito de luz e de como é o processo criativo. Ainda não sei se entendo o que é uma luz ativa no teatro, para mim, isso está muito mais ligado a ambientes instalativos e performáticos. Pensei que durante esse processo talvez em algum ponto isso ficasse mais claro na minha cabeça. Não ficou.

Sinto que algumas cenas estão bagunçadas esteticamente pois há muitas vozes compondo e sinto que não há uma oficial que tenha batido o pé em todas as cenas. O conceito de

⇒ diálogo = lâmpada ⇒ música = colorido ⇒ comercial = frio

se mistura em algumas cenas sem distinção clara. Nesse ponto em que há tantas pessoas falando (incluindo o diretor), não sei como manifestar o que penso sem que fique mais uma pessoa dando opinião e vire um frankenstein.

As entradas do canhão seguidor também não estão claras. A indicação de que sempre entra a full, particularmente, me incomoda. Penso que ele deveria entrar compondo como outra camada de luz, com intensidade e variações ao longo da cena. A indicação de que só tem canhão seguidor em músicas também não está a risca, porém acredito que esse ponto será esclarecido quando fizermos o roteiro do seguidor.

Também não entendia escolhas e pedidos da direção que não estavam claros o suficientes, mas descobri essa semana que a peça é um musical (sim, óbvio, porém ainda não tinha caído a ficha) e isso fez algumas coisas se esclarecerem.

Para além disso, acredito que fui recebida de braços abertos pelo coro de luz em geral e isso foi muito importante para mim. O processo, com todos os problemas e defeitos que

também são comuns a qualquer outro, está sendo incrível e muito enriquecedor. Ainda não acredito que estou fazendo parte dele.

Ana Gabriela Araujo Rossetto

---

## Comentários do Diretor Zé Celso sobre o Corrido

### 1 ato

- LUZ: na entrada do público o espaço deve ser iluminado como uma catedral (tem uma referência em cacilda 64 - robogolpe)
- SONIA, OTTO e LUZ: a caveira só pode aparecer em cena no final do primeiro ato, antes disso, dá um jeito de aparecer só os paramentos mas não o crânio;
- VIDEO E LUZ: dancem juntas a peça toda pra que a projeção apareça;
- VIDEO E LUZ: construir luz e vídeo para o totem de máscaras e pro coro se paramentar pro aleluia mesmo quando não estiverem na pista; no Oficina será na fonte, vamos descobrir onde será no Pompéia;
- LUZ: afinar com o anjo por onde ele vai entrar pra ser bem iluminado;
- LUZ: contra luz pra fazer áurea de juliana. é uma cena litúrgica, sagrada...
- LUZ, BANDA, GUSTAVO: *eis o ídolo afinal*, não precisa esperar todo coro sair pela porta pra apagar a luz, pode ir diminuindo ídolo e coro e acendendo juliana; luz, músicos e sonoplastia vão juntos nesse fade out fade in de cinema;
- LUZ: contra-luz contracanto amoroso de Juliana e Ben Silver;
- LUZ: *você pensa que eu sou um boneco de papel*, precisa de uma luz de show, além de iluminar o Anjo pra que Ben Silver cante pra ele;
- LUZ, GUSTAVO e VIDEO: desenhar o *the voice* com objetos e sonoplastia no meio da música de Ben, *você pensa que eu sou um boneco de papel*; **todos ensaiar essa cena;**

## 2 ato

- LUZ: deve haver uma mudança de luz radical quando o anjo interrompe a luta do agronegócio contra o mst;
- LUZ: luz no Ito quando ele toca a batida que dá início a devoração do ídolo;
- 

Fortaleza, 03 de dezembro de 2018

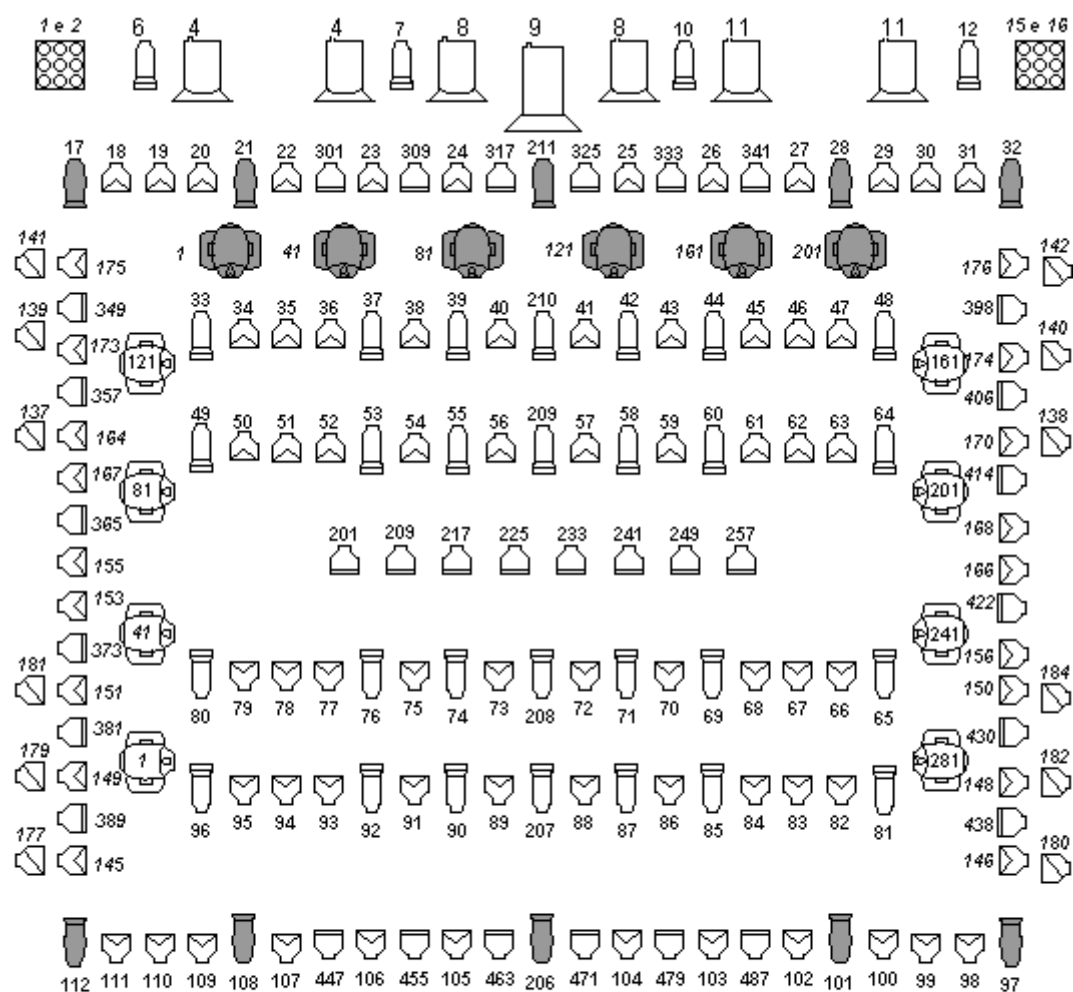
Seguem as plantas da montagem, plantas do Sesc Pompeia, exatamente como recebemos da Unidade que tem como responsável na Luz Anderson e técnicos como Alexandre Souza, o popular Bafé, Bruno e a lenda viva Espirro. Estas plantas foram muito modificadas, os aparelhos diminuíram em número e modelos, saiu Clay Paky e entrou Varilite 3000, diminuiu o número de Robe 600, de Par Led.



**INFORMAÇÕES TÉCNICAS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA PROFISSIONAL**  
**SESC POMPEIA - TEATRO**

**MAPA DE ILUMINAÇÃO E PATCH DE DIMMER**

## LADO PLATÉIA B



## LADO PLATEIA A

### CABINE DE OPERAÇÃO TÉCNICA

| Legenda |                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                    |
|---------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Quat.   | Equipamentos                                                                                                                                                               | Palco                                                                                                                                              |
| 06      |  Marca: Robe / Modelo: Robin MMX1200 Spot<br>Modo 01 / 40 ch / Art Net / Path Universo 09 | Altura entre o palco e a vara de luz<br>5,35M                                                                                                      |
| 32      |  PAR LED Vicktor LP365RGBW teto<br>Pacht / Universo 2                                     | Boca de cena 10,00M.<br>Altura do palco 0,40Cm.<br>Profundidade 10,00M.                                                                            |
| 08      |  Marca: Robe / Modelo: Robin MMX1200 Spot<br>Modo 01 / 40 ch / Art Net / Path Universo 08 | <b>Mesas de Controle:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• GrandMA2 Ultra Light versão 3.2.2.13;</li> <li>• Avolite Pearl 2010.</li> </ul> |
| 01      |  Maq. Haze 500 (chão)<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                    |
| 20      |  Elip. ETC 50° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                    |
| 10      |  Elip. ETC 15°/30° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                           |                                                                                                                                                    |
| 08      |  Elip. ETC 36° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                              |                                                                                                                                                    |
| 82      |  Source four PAR # 5 (teto)<br>Pacht / Universo 1                                       |                                                                                                                                                    |
| 12      |  Source For PAR # 2<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                    |
| 06      |  Fresnel ETC 2K<br>Pacht / Universo 1                                                   |                                                                                                                                                    |
| 06      |  Fresnel ETC 750K<br>Pacht / Universo 1                                                 |                                                                                                                                                    |

Observações:

- Os patch de PAR LED, moving DTS MAX 33 Canais, Strobo, refletores e efeitos estão devidamente configurados. Somente serão alterados perante **justificativas técnicas.**

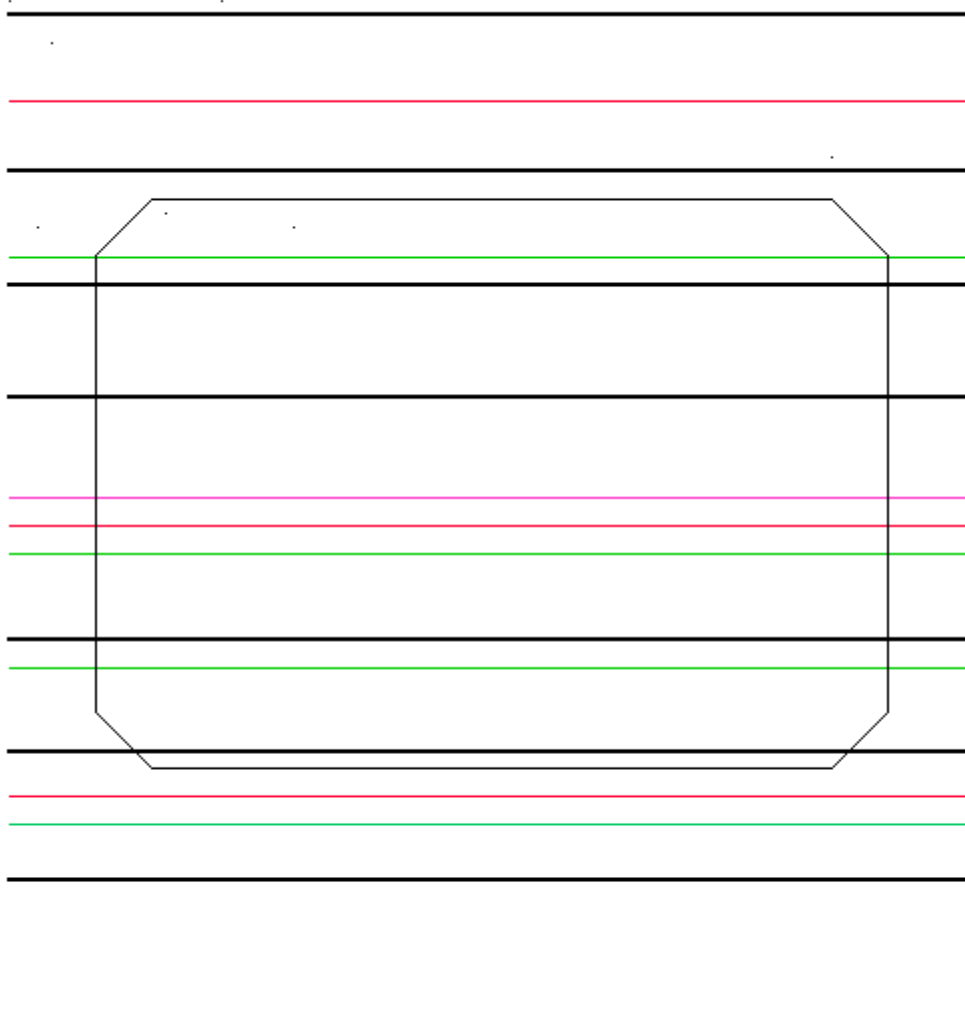
| Legenda |                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                        |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Quat.   | Equipamentos                                                                                                                                                                 | Palco                                                                                                                                                  |
| 06      |  Marca: Robe / Modelo: Robin MMX1200 Spot<br>Modo 01 / 40 ch / Art Net / Path Universo 09   | Altura entre o palco e a vara de luz<br>5,35M                                                                                                          |
| 32      |  PAR LED Vicktor LP365RGBW teto<br>Pacht / Universo 2                                      | Boca de cena 10,00M.<br>Altura do palco 0,40Cm.<br>Profundidade 10,00M.                                                                                |
| 08      |  Marca: Robe / Modelo: Robin MMX1200 Spot<br>Modo 01 / 40 ch / Art Net / Path Universo 08 | <b>Mesas de Controle:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• GrandMA2 Ultra Light<br/>versão 3.2.2.13;</li> <li>• Avolite Pearl 2010.</li> </ul> |
| 01      |  Maq. Haze 500 (chão)<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                        |
| 20      |  Elip. ETC 50° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                        |
| 10      |  Elip. ETC 15°/30° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                           |                                                                                                                                                        |
| 08      |  Elip. ETC 36° (teto)<br>Pacht / Universo 1                                               |                                                                                                                                                        |
| 82      |  Source four PAR # 5 (teto)<br>Pacht / Universo 1                                         |                                                                                                                                                        |
| 12      |  Source For PAR # 2<br>Pacht / Universo 1                                                 |                                                                                                                                                        |
| 06      |  Fresnel ETC 2K<br>Pacht / Universo 1                                                     |                                                                                                                                                        |
| 06      |  Fresnel ETC 750K<br>Pacht / Universo 1                                                   |                                                                                                                                                        |



Observações:

- Os patch de PAR LED, moving DTS MAX 33 Canais, Strobo, refletores e efeitos estão devidamente configurados. Somente serão alterados perante **justificativas técnicas.**

## ***Platéia B***



## ***Platéia A***

### **LEGENDA**

Varas 01, 03, 05, 06, 10, 12, 15 e 16, – Varas fixas de iluminação cênica com 16 tomadas 2P+T padrão brasileiro de 20 A.

Varas 02, 08 e 13 – Fixa para fixação de cortinas.

Varas 04, 09, 11, 14 – Vara de cenografia, manuseio manual com 3 cordas e 03 roldanas para suspensão.

Vara 07 – Tela de projeção

### **MEDIDAS DE DISTANCIAS ENTRE AS VARAS**

Entre a Vara 01 e 02 – Mede-se 2,72cm.

Entre a Vara 02 e 03 – Mede-se 0,55cm.

Entre a Vara 03 e 04 – Mede-se 1,40cms.

Entre a Vara 04 e 05 – Mede-se 1,10cm.

Entre a Vara 05 e 06 – Mede-se 2,00m.

Entre a Vara 06 e 07 – Mede-se 0,58cm.

Entre a Vara 07 e 08 – Mede-se 0,50cm.

Entre a Vara 08 e 09 – Mede-se 0,25cm.

Entre a Vara 09 e 10 – Mede-se 1,00m.

Entre a Vara 10 e 11 – Mede-se 1,52cm.

Entre a Vara 11 e 12 – Mede-se 1,14cm.

Entre a Vara 12 e 13 – Mede-se 1,57cm.

Entre a Vara 13 e 14 – Mede-se 0,20cm.

Entre a Vara 14 e 15 – Mede-se 1,12cm.

Entre a Vara 15 e 16 – Mede-se 2,12cm.

Todas as varas medem 12m de comprimento.

### **TIPOLOGIA E DIMENSÕES BÁSICAS DA CAIXA CÊNICA**

Teatro multi-forma bifrontal/frontal. Configurações: palco central, end stage ou à italiana.

Dimensões da boca de cena (no formato italiano): 10 m [L].

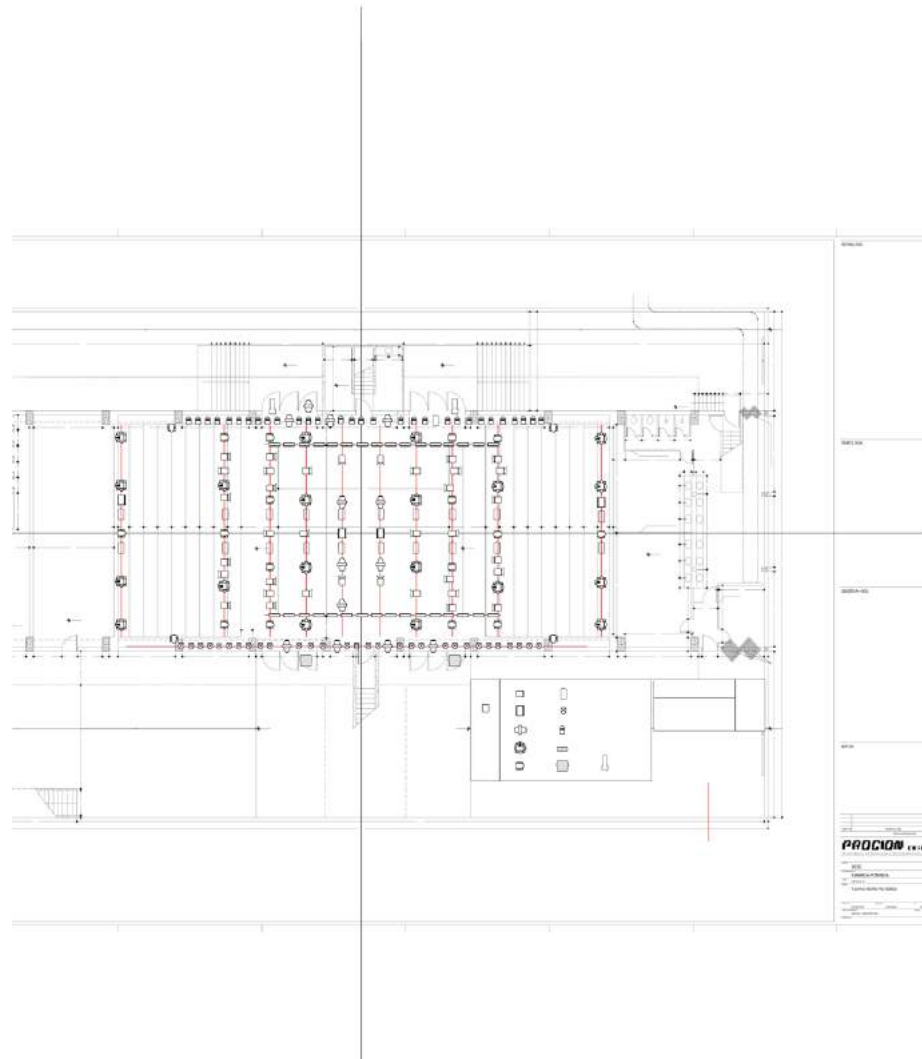
Altura do palco em relação à primeira fila da plateia: 40 cm.

Dimensões do interior da caixa cênica: 12 m [L] x 10 m [P].

Pé direito da caixa cênica (do piso do palco à linha de base das varas): 5.64 m.

### **PISO DO PALCO**

Praticáveis em alumínio e compensado naval pantográfico Dimensões 2 m x 1 m, revestido com manta de borracha preta.



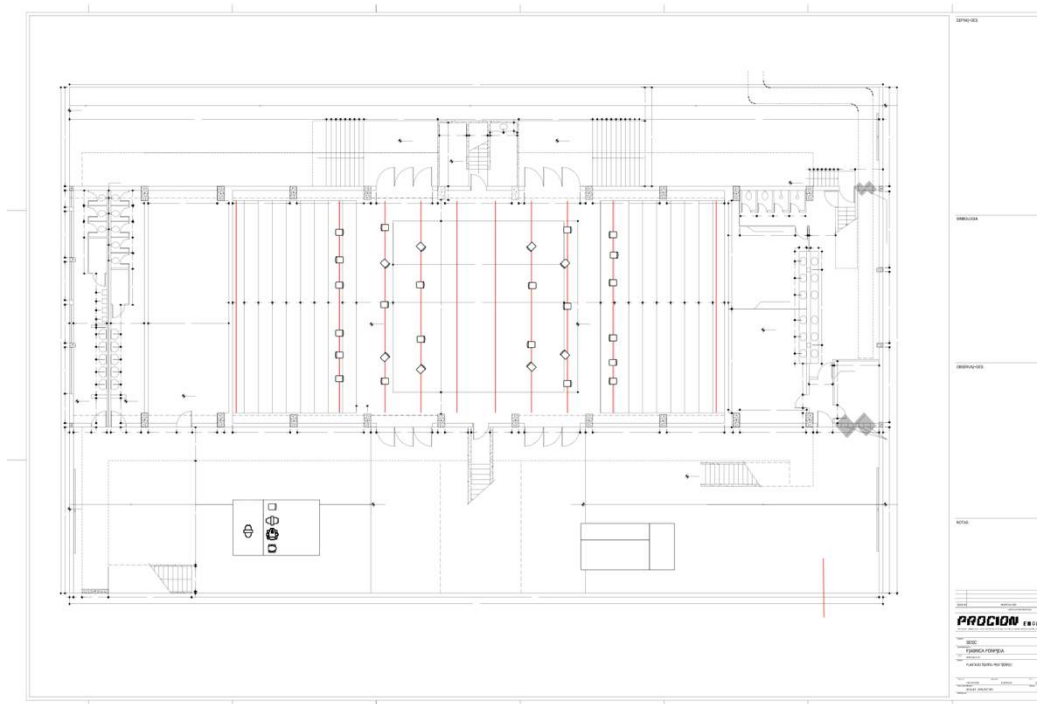
Light Plot RODA VIVA

Venue: 09/11/18

Key

Fresnel 2K , Strobo Atomic , ROBE SESC , ROBE 600 , Clay Paky , Vapor Metálico 400w ,  
PAR LED Sesc PAR LED Locada , Ribalta LED , Haze , Canhão Seguidor SHADOW 1200

Local: Teatro Sesc Pompeia



Light Plot RODA VIVA

Key

Fresneis de 2000w

Local: Teatro Sesc Pompeia

Designer: Guilherme Bonfanti

Eu preso em Fortaleza e a montagem começou em São Paulo. Daqui tento acompanhar e ajudar, as vezes fico muito ansioso e atrapalho, as vezes ajudo a coordenar. O dia de hoje era para termos terminado mas a empresa LPL não mandou todos os equipamentos, a montagem se enrolou e terminou as 17:00 hs por falta de equipamentos

FUNDO DO PALCO

$$\begin{array}{r} 401 \\ \hline 3.01 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 414 \\ \hline 4.209 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 413 \\ \hline 4.157 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 412 \\ \hline 4.105 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 411 \\ \hline 4.53 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 410 \\ \hline 4.1 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 409 \\ \hline 3.417 \end{array}$$

VARILITE  
PATCH

$$\begin{array}{r} 402 \\ \hline 3.53 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 404 \\ \hline 3.57 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 405 \\ \hline 3.209 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 406 \\ \hline 3.261 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 407 \\ \hline 3.313 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 408 \\ \hline 3.365 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 420 \\ \hline 5.53 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 419 \\ \hline 5.1 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 418 \\ \hline 4.417 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 417 \\ \hline 4.365 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 416 \\ \hline 4.313 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 415 \\ \hline 4.261 \end{array}$$

# FUNDO DO PALCO ROBE 600

701  
5.201

702  
5.210

703  
5.231

704  
5.240

705  
5.261

706  
5.270

707  
5.291

708  
5.300

709  
5.321

710  
5.330

711  
5.351

712  
5.360

713  
5.381

714  
5.390

715  
5.411

716  
5.420



Fortaleza, 04 de dezembro de 2018

Decido ficar mais um dia por aqui. Era para ir embora daqui a pouco mas o trabalho não está concluído e a montagem em São Paulo se enrolou de uma tal forma que decidimos pela minha estada em Fortaleza por mais um dia. De nada adiantaria minha presença lá no Sesc Pompéia. Os equipamentos que faltaram ontem demoraram o dia todo pra chegarem. Ao entrar no avião as 22:15 para voltar a São Paulo recebo a notícia que estava tudo ligado mas que a mesa, uma Grand Ma 2 estava travando. Usamos os seis universos e a mesa não consegue rodar. Nunca tinha visto isso, mas faz sentido. Quando carregamos nosso computador no seu limite e vamos rodar algum programa que precisa de memória ele trava, trava, trava. Decido antes das portas do avião fechar que deveríamos tirar todos os leds (30 Par Led, 30 ribaltas, 20 Robe 600) da MA e instalar a AVOLITES que o teatro tem. Assim eu operaria a Avolites e Chyntia ficaria com a MA onde deixamos os 20 Varilites, os 20 Fresneis de 2000w, as 04 strobos.

São Paulo, 05 de dezembro de 2018

Já em São Paulo pego Camilo (Bonfanti) e Dani (Meirelles) na sua casa e vamos ao Pompéia. As 08:00hs já estamos lidando com os problemas que se arrastavam por dois dias. Tratamos de fazer o patch na Avolites, outra novela pois a biblioteca da mesa não tinha o modelo das Par Led nem das Ribaltas e aí surge um anjo no teatro. Bruno, sobrinho do Jeferson da RP Lighting com que trabalhei algumas vezes no Natal de Curitiba e na Expo do Linhas de História em Campinas. Técnico experiente, traz consigo um pendrive com todas as personalidades de todos os tipos de Led. Depois de alguns minutos conseguiu por tudo para funcionar e aí começamos, as 14:00hs do terceiro dia a gravar. Me divido com Camilo e Dani e fico com minha boa e velha Avolite. O ensaio geral estava marcado para as 18h, mas conhecendo o Oficina sabíamos que nosso tempo na mesa se estenderia. Tratei de gravar como faço quando estou na estrada para algum show. Preparei na AVOLITES vários sub másters com cores frias, quentes, misturas, brancos, efeitos com trocas de cor, chase de movimento, ou seja, me preparei pra um ensaio com diversas possibilidades.

Aqui algumas considerações sobre estratégia, planejamento, cronograma de trabalho e coordenação de montagem, equipes, equipamentos. Vamos por partes:

Coordenação e cronograma de montagem:

Erramos neste lugar. Tudo foi planejado, sem minha presença, mas não contávamos com uma equipe de técnicos cansados da vida, um líder de montagem muito condescendente (Renato da empresa LPL) e uma equipe do Oficina inexperiente (Padu Palmerio a quem devo muito pelo empenho e dedicação) e com conflitos internos. Existe uma disputa de comando interno que não consegui resolver e um jeito de trabalhar que dificulta demais o andamento das coisas. Não se conversa previamente, não se planeja em conjunto e não se abre mão de um jeito de trabalhar para experimentar outras possibilidades. Isto foi parte dos problemas.

Os cabos de sinal e os buffers/splitters não pararam de dar problemas até o quarto dia, ou seja, dia da estreia. Isto nos derrubou pois nunca tínhamos tudo pronto e estávamos

O tempo todo sendo interrompidos na gravação pois alguma coisa não funcionava. Não chegaram 02 Varilites, 02 Robe 600, algumas ribaltas não funcionaram.

Desrespeito profundo com um trabalho artístico, coisas que acontecem com uma gigante no mercado das locações e prestações de serviço da empresa LPL. Não é a primeira vez que passo por isso com esta empresa, eles fazem mega shows, grandes artistas brasileiros, mas quando se trata de teatro me parece que rola este desrespeito. Posso estar errado mas o destino me colocou por diversas vezes nesta condição com a LPL. Minha sorte foi ter Camilo e Dani comigo que são experientes e trabalharam muito para tudo acontecer. Camilo ficou comigo do dia 03.12 até a estréia no dia 06.12 e não saiu da mesa por nenhum instante, sempre gravando, corrigindo e ensinando a Cynthia. Quando uma empresa do tamanho da LPL se depara com teatro e com uma equipe recheada de mulheres e nomes que eles não conhecem, todos os problemas que surgem na montagem são por conta da inexperiência dos técnicos, das mulheres e nunca deles. Já passei por isso diversas vezes, com a Dani, comigo mesmo. Com Dani recentemente. Os novatos e as novatas têm sempre que mostrar que sabem, mas mesmo assim eles duvidam até o último momento. Isto precisa mudar, o novo tem que surgir, os mais velhos têm que ensinar, abrir espaço.

Resumo da Ópera foi que conseguimos chegar a estréia com uma luz gravada e consistente.

São Paulo, SESC Pompéia, Espetáculos de 06 a 09 de dezembro de 2018

Estreamos no susto mas sem muitos erros, no segundo dia mais acertamos que erramos e no terceiro e quarto dia deu tudo certo. Zé saiu feliz, Cibele (Forjaz) e Alessandra (Domingues) vieram e gostaram. Saio do Pompeia com algumas impressões. O projeto de luz do espetáculo consiste em criar uma divisão de planos. Isto se mostrou correto.

- 1- *O plano dialógico com luz branca e aberta*, tanto no sentido de intensidade quanto de espaço, sendo que em relação ao espaço temos que trabalhar melhor na sua construção. As vezes a luz fica exageradamente aberta, um pouco pelo fato dos atores não guardarem e não repetirem o espaço ocupado e um pouco por ainda não dominarmos completamente a geografia da cena. Mas isto me parece ser um acerto. O branco do dialogo dá um descanso para o olho pois a luz tem muito movimento e muita cor. É importante “aquietar” os sentidos por um tempo.
- 2- *O plano do dialógico com fundo musical*. Aqui optei por termos cor, sem movimento mas com seguidor. A música neste plano nos tira de qualquer possibilidade do real, é uma suspensão, não se conversa com fundo musical específico pra este ou aquele assunto, então decidi que cabe o uso da cor e do seguidor (follow spot). Isto lá pelo terceiro dia estava mais bem resolvido e me pareceu correto.
- 3- *O plano musical*. Aqui sim entram cor, movimento e seguidor. Zé Celso, me pedia o tempo todo que a luz tinha que dançar junto com a música. Usei um pouco de minha prática nas operações e desenhos de show e não me contive. Coloquei tudo o que podia de dinâmica. Troca de cor, Chase de movimento de moving, troca de um elemento por outro (ex. se estou usando as ribaltas Leds das paredes da plateia, troco pelas ribaltas

do mezanino, troco pelas Par Led), crio duas possibilidades para os movings Robe 600, num determinado sub uso eles em movimento e num outro eles parados, idem com a troca de cor nos Leds, sempre tenho um com uma cor fixa, assim consigo trabalhar a música em suas Partes A, B, Refrão. Assim “dançamos” junto com a música o tempo todo.

4- *Planos dialógicos mais específicos.*

4.1 TV. Aqui faço uso do branco frio, aproveitando que tenho Leds que trabalham com RGBW.

4.2 Neo pentecostais. Mesmo branco frio com plateia e luza full.

4.3 Anjo. NA primeira e segunda entrada deste personagem marco com o AZUL LED. São dois momentos muito importantes deste personagem que deixo marcado.

4.4 Capeta. Em determinados momentos com Vermelho.

5- *Arquitetura.* Aqui procuro explorar tudo o que tenho no espaço. Vigas, tetos, paredes e crio um jogo de ampliar e reduzir o espaço, saindo do palco e voltando para ele, quase como um zoom pelo espaço.

6- *Platéia.* Existe uma necessidade da direção que a plateia esteja sempre iluminada. Mas nos momentos musicais cresce mais, para incentivar a participação do público, nos demais momentos ela fica muito baixa.

Pude perceber que para isso acontecer preciso de um roteiro muito bem gravado e de um operador que se coloque como um executor deste plano, não é o caso aqui. Apesar de todo o empenho e dedicação da Cynthia (Monteiro) ela não compra esta ideia e aí entra um dos problemas que enfrentei no Oficina. Todos opinam, o que é normal e estou mais do que acostumado, mas quando dou minha palavra final as coisas ainda assim não acontecem. Durante os dias de temporada eu cansei de pedir que Cynthia atacasse imediatamente, prontamente, rapidamente com a luz branca nos momentos dialógicos, mas ela sempre resistiu e demorava. Às vezes eu colocava a mão na mesa e subia a luz. Tenho muitas dúvidas, mas disso tenho convicção. Para que os planos aconteçam tem que haver precisão. As vezes a luz muda lentamente, mas as vezes o corte tem que ser seco e preciso. Não sei o quanto vou conseguir imprimir isto na luz do

espetáculo. Mas aí vocês podem me perguntar; mas afinal, o desenho não é seu? Mas não estou e nem estarei lá todos os dias e a tendência é que isto se perca, pelo excesso de opiniões, pelo fato de Cynthia ter suas ideias a respeito do desenho e por que na Oficina as coisas acontecem desta maneira. Acho normal e salutar que as coisas sejam abertas, vivas e se transformem. Acontece que o que compõe o núcleo do projeto, a questão conceitual, se ela se desfigura não fica nada, mas sim um amontoado de efeitos, aí sim a luz fica colorida, vira luz de show, no mau sentido e exibida. Tudo o que não gostaria.

Por fim este processo me mostrou algumas dificuldades e semelhanças com o que Cibeles desenvolveu lá atrás em sua passagem pela Oficina.

A dificuldade maior foi o fato do grupo ter uma falta de estrutura na área técnica da luz. Os responsáveis não conseguem manter o lugar organizado, não existe manutenção adequada e há um certo vício em como se faz as coisas. Esbarrei em falta de informação, tarefas que se iniciam e não terminam, informações que estão na cabeça de apenas uma pessoa, equipamentos sucateados e absolutamente ultrapassados, uma bagunça absoluta no armazenamento dos equipamentos e uma dificuldade muito grande em mudar um jeito de trabalhar que já não funciona mais. Diferente do Teatro da Vertigem a luz na Oficina ocupa um lugar de subserviência, está a reboque das demais áreas. O espaço não tem condições de se afinar, gravar e ver a luz durante o dia. Quando vem a noite ele é ocupado pela direção, atores etc e aí sobra a madrugada ou o dia da folga de todos, incluindo a luz. Resta comer pelas beiradas, implorar por espaço. À noite durante os ensaios discute-se a luz como se ela já estivesse pronta, sem ter tido condições dela ser trabalhada. Um espaço difícil tecnicamente, com uma equipe frágil e presa no passado. Foi muito difícil e desgastante pois me envolvi na gestão da área da iluminação, mas esbarrei o tempo todo numa estrutura que não te permite ficar pronto antecipadamente. Acho que o transe e o ritual não podem interferir num trabalho que numa determinada etapa precisa da razão. Nem tudo é corpo, cosmos. Algumas coisas são do aqui e agora.

Olhando o que fiz vejo semelhanças com as descobertas da Cibeles. Como Chico diz em seu trabalho de iniciação científica sobre o uso dos equipamentos não convencionais para o CNPQ, Cibeles (Forjaz) criou gerais com o R(red), G(green), B(blue) usando lâmpadas de descarga, não vou me alongar aqui. Além disso criou o black out

com cor e o uso de localights para fazer seguidores, iluminando os atores e tirando eles da cor. De semelhante tenho o uso do RGB como base, mas amplio o repertório para os lavandas, lilás, magentas, Blue Greens, ambars, amarelos e a grande mudança que é o uso do branco frio. Trago também para a cena o uso dos moving lights acrescentando o movimento como algo importante durante as músicas. Falo da primeira passagem de Cibeles onde as grandes descobertas e o “pensamento” sobre a luz no Oficina foi construído. Mudo também a questão da operação da mesa de luz e da construção de um roteiro. Aqui foi onde encontrei maior resistência dos técnicos operadores do próprio Oficina, num certo momento do próprio Zé Celso, mas consegui mostrar, sem explicar, que é possível “estar junto” com os atores mesmo estando gravado. Meu desejo era fazer como fui obrigado a fazer na Bélgica e colocar tudo no tempo obedecendo a cliques de GO, com as cenas prontas, mas fui vencido pela resistência de gente muito mais nova que eu, mas que está apegada ao passado.

As participações de Ana (Gabriel Rosseto) e Filipe (Sampaio) foram fundamentais para que tudo desse certo, comprometidos, engajados e presentes o tempo todo.

Este projeto ainda vai reverberar muito em mim, ainda penso se o que fiz está correto, será o melhor caminho, se não devia ter relaxado e deixado as coisas seguirem seu rumo, porque interferir em um lugar em que daqui a pouco vou embora, quem disse que estou certo em minhas críticas, as coisas tem funcionado assim nos últimos 30 anos.

A seguir algumas anotações, talvez fora de ordem, talvez com datas aproximadas.

São Paulo, 25 de dezembro de 2018

Vida que segue. Hoje estreia no Oficina para valer... Vamos ver o que encontro por lá.

São Paulo, 27 de dezembro de 2018

Fui, vim e voltei...

De fato, ter aberto mão de controlar o processo, em parte por problemas pessoais e outra parte por cansar de lutar contra um jeito de fazer que não se alterou,

não consegui mudar o estilo Oficina de se fazer/pensar luz. Isto alterou significativamente a construção e execução da luz. Saímos das apresentações do Sesc Pompéia com um desenho estruturado, com a utilização da cor e do movimento identificados como algo que fazia referência ao tropicalismo, algo ligado ao carnaval, seu rito de alegria, cores e muito movimento. Creio que tudo isso tem muito a ver com RODA VIVA e com o Teatro Oficina, virou parte conceitual da luz. Vimos uma foto saída na Folha de São Paulo que mais parece uma pintura, cores quentes; âmbar e vermelhos numa cena de ritual, onde se come a própria carne, rito antropofágico total. Ao ver no Oficina na estreia do dia 25 encontrei de novo uma luz desorganizada, imprecisa e com o branco dominando. As cores perderam sua força, o movimento desapareceu, os recortes e as dinâmicas inexistem. Nada que me represente. Ao falar com os técnicos percebo uma certa resistência, uma série de justificativas, uma falta de escuta. Juntamos Padu, Cynthia, Ana e Filipe para eu falar um pouco e encerrar as notas e, às vezes, ao iniciar uma frase sou interrompido por alguma ideia incrível de algum deles, ou para uma justificativa. Muito difícil trabalhar assim, ao dar espaço para a participação as coisas se nivelam, às vezes, por baixo, meu olhar de fora perde a força e existe uma necessidade de fala, sem escuta que me impressiona. Muita convicção e pouca eficiência. De fato, a democracia é um eterno aprendizado.

Visto o espetáculo seguem minhas notas.

## PRIMEIRO ATO

- A entrada do público fica prejudicada pela luz natural, mas mesmo assim creio não ter atmosfera que pensávamos. Tem que ser mais escuro, o público tem que desbravar aquele lugar, o desconhecido deve gerar respeito, reverência ao lugar.
- O Azul da música inicial, movimento dos movings, é muito bom mas deve ser mais lento, no tempo musical.
- Tenho dúvidas se é bom o chase de movings branco.
- Quando elenco sai das estruturas e vem pra pista, esperar um pouco mais para fazer a mudança e quando fizer ser mais claro, não demorar, é como água escorrendo pelas paredes.
- A música CARAVANAS é mais quente, aqui começam os problemas.

**O branco em sua totalidade deve ser muito bem usado. Não pode estar presente o tempo todo. Somente na TV, NO FUTEBOL, NA REPRESENTAÇÃO DO SOL, NOS EVANGÉLICOS. Todo o resto nunca deve ter branco a FULL, mas sempre quentinho, a 60% nas cenas dialógicas e a 30% ou 20% nas musicas.**

- Boa virada para Haleluya, Aqui é climão total, ritual ligado a terra, forças primitivas...

- ANJO. Precisamos recuperar suas duas entradas no primeiro ato e a do segundo e marcar seu azul. NO SESC funcionava muito bem, Não é um azul angelical o do LED, ele é escuro, artificial, profundo. Tudo a ver com este anjo de asas negras.

- **CENAS DIALÓGICAS.SEM CANHÃO. Aqui tem um problema sério novamente. Tem que mudar, se a cena for e voltar trinta vezes para dialogo, dialogo musicado e musica, a luz tem que acompanhar TEM QUE ACOMPANHAR, cortando seco, fazendo fusão, seja o que for mas TEM QUE MUDAR.**

- A sequencia da paramentação feita pelo anjo, tem uma sequencia de musicas e climas musicais que devem ser acompanhadas pela luz. Lembro que eu ficava tenso nesta sequencia, é ai que definimos e marcamos bem o que se propõe o desenho. O Zé cobra isto o tempo todo de nós, dinâmica, dançar junto. Ora muda a cor (como no verde do exercito) ora entra um chase de ribalta, ora uma cor invade a pista. Mas **TEM QUE MUDAR JUNTO.**

- **Toda a cena do anjo (nesta sequencia que acabo de mencionar) perdeu a presença da cor.**

- A pior Xuxa que já vi, luz triste, clara demais, sem clima de festa dos baixinhos..

- **Funk, pelo amor de Deus...Nunca foram a um baile com funk, nunca fizeram uma luz de show ? Quebradeira, strobo pura. APAGA O BRANCO PELO AMOR DE DEUS. CONTRASTE PLEASE...**

- Anjo novamente, azul novamente... Sai azul pra marcar a musica, volta o dialogo volta o azul...



- Juliana entra com aqueles “vitrais”. Um clima de sagrado, um azul leve, da cor da roupa dela, um cyan, um BG lavado.. Quando Anjo entra pra dentro do ambiente entra ribalta magenta e sai azul, quando ele a ataca entra um vermelho do teto.

- Musica Juliana e Benedito. KD o belo que José Cesó Martinez Correa tanto persegue. Aqui temos que construir uma cena que arrebate o publico. Primeiro total a pista azul. Eles vem pro centro com um bafinho de luz pra queimar o piso ( lembra Cynthia que eu pedia o tempo todo pra não apagar o piso, pra “ queimar “ o piso ?), quando retornam pro seus lugares e cantam, ai isolamos os dois em seus nichos com seus azuis. Podemos e devemos usar todos os movings em azul aqui, talvez as PAR LEDs devam entrar sómente quando o elenco invade a pista com o publico, ai podemos usar Ribaltas, movings e Par Leds.

- Salve o Mané. Falem com Hoderick e falem com Marcelo. **A LUZ PRECISA RECORTAR O ESPAÇO, PRECISA CONSTRUIR ESPAÇOS.** Uma colocação clássica de Cibeles Forjaz, a luz trabalha na construção de tempo e espaço...Nesta cena temos que ter luz na frente do bar, somente na frente do bar, e até o centro. **NÃO A PISTA TODA...**

- Você nunca me enganou EUREKA... porque a pista toda ?????? **AGAIN AGAIN AGAIN.**

- CENAS DA TV, EXPLODE A LUZ E O ESPAÇO. Luz em tudo quanto é buraco do teatro. É programa de auditório.

- NET tínhamos o BG pra NET, lembram ?

- Musica Capeta e Anjo. A melhor do primeiro ato.

- Você pensa que eu sou ficou bom, mas tem que ter o breque. **COMO CAIM FEZ COM ABEL. DINÂMICA, DINÂMICA, DINÂMICA, DINÂMICA, DINÂMICA, DINÂMICA.**

## SEGUNDO ATO

- Quando o coro sai do porão do navio e sobe para a revolta, fazer com que os movings abram seu foco e ganhem a pista com o efeito.

Subir strobo na estrutura. Dali de onde ela esta não pegamos a pista toda.

Usar somente strobo e bruts de fora na tempestade.

- Durante todo o tempo para a preparação do Hallelluya deixar Bem Silver no altar iluminado.

- depois do Hallelluya quando se juntam no centro tem que ser quente,

**ESQUEÇAM O BRANCO PLEASE...**

- Roda Viva, boa a luz, boa a dinâmica mas precisa ser mais quente e menos branco. Usar mais AMBAR PAR 64 e menos BRANCO

- No final do RODA VIVA quando o elenco vai saindo usar os movings novamente.

- Temos que recuperar a imagem da pista do aeroporto pra Partida do Ben. Sugiro o uso dos movings recortando a pista e um BG de ribalta.

- Após saída dos evangélicos com a cruz, ficam Bem Silver e Anjo, volta o azul anjo.

- Tentar Chases de cor somente com Red Green Blue mais Lavandas, Magentas, cuidado com as cores quentes no LED, vira branco. Este LED não tem boa qualidade e não tem White nem Ambar.

- Nos sertanejos universitários quando parar o chase de cor fixar no MAGENTA, o azul é do ANJO...

- A divisão do espaço entre nordestinos e sertanejos no espaço com suas respectivas cores é muito boa.

- Definitivamente não gosto da movimentação do farol do carro na morte do Bem.

- Cordão era CYAN, é uma luz calma, tranquila, acolhedora, não feérica.

Notas so Zé sobre a luz, no ensaio, 22.12 e no dia 25.12:

- (LUZ –DRAMATURGÍA: EXIGE UM CORTE EM **RODI BEN SILVER EM CENA** ANTES DE VIR A CENA COM **MANÉ**)

**BENEDITO**

*Este anel bonito!*

*A Pose, o Passe o Truque?*

*É "O Ultimo Grito*

*Ou em inglês, "New Look"!*

LUZ FAZ UN BLACK-OUT AÍ /

PRA JULIANA CAMILA SAIR Y DAR INICIO CENA: **BEN SILVER X MANÉ**

LUZ– Lembrando : mudar completamente a cor geral na entrada da internet (kael). *A NET É OUTRA LUZ*

- (LUZ) – recortar a luz na saída de **BEN SILVER** a caminho da live (no altar) a luz deve ficar só nas internet e não mostrar a saída de *Benedito*.

- (LUZ) – luz no altar na fala: “acabou a mamata” (fim da orgia).

- (LUZ) luz baixa na fala “no ruído silencioso das redes, entre quatro Paredes...” *Podia ter um Som de Mistério q o Gustavo daria na Sonoplastia.*

- (LUZ) luz de serviço da paulista estava acesa na cena do Filme : **“Limite”.TEM DE APAGAR.**

- **LUZ-** Talvez BÉTO tenha dado um informação errada pra vocês, pelo q está escrito no Texto dele q agora estou comentando. **ATENÇÃO:**

Não pode **haver** Luz no **Fosso** quando começar o mar na cena da Pirâmide com **ANJO, CAPETA Y BEN SILVER. A LUZ** Só entra na VIRADA DA TEMPESTADE Q ILUMINA O CORO APRISIONADO QUERENDO LIBERTAR-SE)

**LUZ** -DEPOIS DE “UMA MERDA DE MANÉ

**CORTE PARA A CENA DAS MACACAS.**

- (LUZ) luz mais escura na cena das macacas (aleluia). Luz de baixo/ribaltas.

- (LUZ) baixar a luz depois da cena da música de zé Miguel na entrada da repórter (Clarisse).

- (LUZ) luz na banda na cena da vinheta do programa de tv de Clarisse : “vamos apresentar” A BANDA Y CARINA CANTAM A MUSICA NÃO PODEM ESTAR NO ESCURO.

25.12

(LUZ) Iluminar como uma “*Catedral dos ferros de Ogum*”, aproveitar os tubos de metal, a estrutura do teatro. Luz de baixo em cada galeria. Parece um órgão visto de dentro. O pé direito alto da catedral.



-(LUZ) Se não tiver chovendo, sempre trabalhar com o teto aberto na entrada e fechar no segundo sinal.

-(LUZ) mudar luz de caravanas para cena das macacas (transição de cena) ter corte! É um outro quadro que começa com a percussão do aleluia.

-(LUZ) mudar a luz quando entra a cena de mané (transição) é um corte de uma cena pra outra, outra cena: outra atmosfera

-(LUZ) [CENA duo de câmeras] “quanto a esse público que o espia” = luz no público.

-(LUZ) estava sem luz em Benedito antes de “sem fantasia”, pós panorama do fascismo.

-(LUZ) [CENA sem fantasia] luz no ITO tocando cuíca.

-(LUZ) [CENA capeta extra! Urgente!] nasce um novo mito! Luz só na joana

-(LUZ) apagar luz na pirâmide imediatamente depois de “voucher pro povo”. Esse é o corte.

-(LUZ) CAPETA entrou sem luz no flagra da orgia. [orgia no tecido azul]

-(LUZ) “desmentido o casamento em bacanal” – luz ficar só em joana

-(LUZ) [CENA música “parado pacato...”/BRINDES] luz acompanhar os brindes. O brinde à banda: acender luz na banda etc.

-(LUZ) [CENA benedito lampião] – o fundo do teatro estava apagado e não havia contraluz. Como dito nas últimas direções: o altar é um lugar mítico, sempre ter contraluz.

-(LUZ) [CENA do capeta/vingança] tinha uma luz à toa no altar. A luz é só no capeta!

-(LUZ) [CENA fake News] ainda está mal iluminada: luz na escada caracol, nas paredes (onde esta o coro do agronegócio) na ponte e os dois focos de luz no anjo e no capeta.

-(LUZ) [CENA ópera] faltou luz nas macacas (e o chicote?)

-(LUZ) [CENA suicídio de Ben Silver] na fala de Ben Silver “multidão cósmica” abrir o teto  
(se não tiver chovendo)

-(LUZ) [CENA aleluia] a luz no túlio com a matraca chegou atrasada (ele deve ser o primeiro a ser iluminado)

## **NOTAS SOBRE O PROCESSO NO RODA VIVA,**

por Padu Palmério

“Luuuuuz, luuuuuuuuuuzzzz....”, grita Zé Celso.

Não importa se estamos em um ensaio ou no meio de um espetáculo com duzentas pessoas. Se ele sente falta, luz ele pede... alto, com um microfone.

Ei, veja bem, a cena não estava marcada para a luz entrar mais tarde? Por que ele quer agora? Calma, Zé!

“Luuuzzzz!!!”.

Calma o caralho. Acende logo o refletor senão ele não vai parar de gritar. Ali, rápido, sobe o canal.

Isso pode desestabilizar um técnico cartesiano como eu.

Logo entendemos, no entanto, que a racionalidade é vetorialmente oposta ao modus operandi do Zé Celso e, por natural extensão, ao Teatro Oficina. A intuição do diretor e dos atores modulam a construção das cenas. É o sentir. Tudo muda, de um momento para o outro.

O Teatro Oficina definitivamente não é para amadores. Ele é o Brasil escancarado de peito aberto, tropicalista e lisérgico, um redemoinho de emoções transplantadas para o palco: sexo, Ogun & Lina Bo Bardi.

Foi um processo intenso.

Tão intenso que escrever este caderno de luz, a posteriori, tem sido uma batalha mental de semanas. (paciência, Guilherme, que uma hora sai!)

Tudo que escrevi ao longo do processo foi numa folha solta, no dia 24/12, quase um haikai de segunda categoria:

Um dia após a estreia

exausto

cochilei por 15 horas

O vai e vem temporal se mistura nesta Roda Viva.

A tal ponto que não posso descrever o início do projeto senão como um grande fluxo de consciência kerouaciano. Os fatos se sucederam um engatilhado ao outro, numa narrativa de ação total sem respiros na qual a divisão de dias se esvanece na memória.

Então lá vai, segura aí:

Eis que Guilherme Bonfanti me chamou para fazer a assistência do Roda Viva, eu, um semi-estreante no teatro, e sem pestanejar eu digo com certeza, então ele discorreu entusiasmado sobre a oportunidade de trabalhar com o Zé, as mil possibilidades de criação no Oficina - uma prédio histórico - e acrescentou sobre o sistema RGB criado pela Cibeles Forjaz, espectros gelatinados de hqi, sódio e mercúrio, e ele dizia como estava pensando em utilizar o digital em conjunto com os refletores incandescentes, mas primeiro e mais importante era a geral, vamos focar agora na geral, então sem demora no dia seguinte encontrei-o em sua casa escrevendo as primeiras impressões no seu caderno de luz sobre a conversa introdutória com o Zé, mas vamos ao que interessa, ele me disse, e retirou algumas folhas em branco e desenhou inúmeras plantas baixas em um centésimo de segundo, separadas por áreas e cenas do espetáculo: geral altar banda mané mezanino/paulista platôs escadas público estrutura painéis, os movings depois a gente vê, ah, tem o Sesc Pompeia também, veja bem, não se perca, a montagem do Oficina começa na segunda-feira, vamos descer todos os refletores do teatro limpar e subir nas posições, esteja preparado planta feita, e eu peguei aquelas folhas enfiei embaixo do braço e iria desenhar a melhor planta baixa já feita na história, e me fudi muito pra fazer o 3D no wysiwyg, com aquelas estruturas dos quatro andares do Oficina que servem de varas de refletores interligadas tal como teias, um inferno, e nos dias seguintes visitei o teatro umas quinze vezes com uma trena eletrônica para confirmar as alturas e comprimentos, nada poderia estar 20cm fora do lugar senão meu 3D ia ficar impreciso, eu não quero imprecisão quero fazer perfeito a porra toda, e cheguei no dia da montagem com aquele sentimento de quem está começando uma nova função, a insegurança que te tira do seu conforto, ótima aliás para dar um choque no destino - tinha começado no teatro porque? desafios - e na montagem o Bonfanti reuniu um time de feras da

iluminação, só gente muito competente para ajudar nesta primeira etapa: Camilo Bonfanti, Danielle Meirelles, Chico Turbiani, Grissel apareceu mais a noite, mais os montadores, um formigueiro de pessoas trabalhando, escoradas nas estruturas, penduradas nas varas, atravessando cordas, Cynthia Monteiro querida do coração subindo em canos impossíveis, puta merda, é muito alto, a queda é grande, e quando você vê está esgoelado se segurando com uma mão sob uma altura de 10 metros pra alcançar o refletor. Descemos uns 100 refletores, e tinha mais pó naquelas carcaças de par64 do que nas ruas da paim, refletores velhos com ferro enferrujado que eu não sabia que existiam - por que eles não trocaram aos poucos estes refletores pelo amor de deus - e enquanto desmontava um refletor o Guilherme contou como usaram as traseiras dessas carcaças de ferro para criar um efeito de boate no Apocalipse 1,11 do Vertigem, Camilo ria lembrando, vamos lá, vamos enfileirar os refletores, testar, você leva os elipsos pro setor do mané, pcs na banda, par64 dispostas como fila indiana na madeira, varas novas subiam, vamos manter a equidistância da geral, é uma grande pista frente e contra, lembrando que precisamos reforçar o centro do palco porque a distância entre varas é maior, sobe a vara 7, o miserável do dente da catraca afrouxou a vara caiu em mim cai da escada tá tudo bem susto do cacete vou tomar uma água, Camilo canta um reggae, Filipe Sampaio ainda tímido afina as escadas, faltaram focos 2 pra geral, o que fazemos Guilherme?, ele sempre dá um jeito melhor do que você poderia imaginar, o cara é foda, vamos em frente, tem que estar tudo ligado, abre a ETC Express, acha os circuitos faz o patch, como as vias estão numeradas?, enquanto isso Chico abre e limpa um moving chinês que estava jogado no canto do teatro, conecta numa DMX Operator, o moving é um lixo não sai luz nenhuma, quem sabe os outros, amanhã tem que abrir tudo e limpar as lentes, tem que fazer orçamento das lâmpadas, alias não tem lâmpada aí? ninguém sabe. e os panelões? talvez tenham, pode ter no depósito... Então vamos orçar par #2, #5, setlight do público, hqi pros panelões, sódio pro porão, dicróica para as escadas, locolight reforçando as colunas, meu deus, onde vai achar lâmpada pra locolight?, ah as gelatinas sky blue para o começo angelical, não pode esquecer, cto na plateia de frente, ctb nas estruturas, geral branca, par #5 vindo em azul, voltando em âmbar, falta coisa pra caralho, amanhã continuamos, foi um bom dia, amanhã marcado às 10h, não se atrasem.

E este ritmo se sucedeu por semanas.

Queria eu (e o Guilherme mais ainda) que com a mesma agilidade do primeiro dia de montagem.

Ai que começou a dor de cabeça.

A luz sofre no Teatro Oficina.

Sofre, principalmente, porque a área técnica da iluminação é um caos completo.

Não foram poucas as vezes que sai de lá transtornado, sentindo que todo esforço fora inútil. Que por mais que tentássemos avançar, nada se concretizava. Desespero puro.

Os responsáveis pela técnica da luz do teatro não se dispuseram, ao longo do tempo, em organizar minimamente os equipamentos: ter uma prateleira para porta gel, juntar os cabos de segurança e garras, reunir as lâmpadas jogadas por todos lados, separar gelatinas. Fazer manutenção básica dos refletores, montar extensões... Em suma, a eficiência beirava o zero. Rodar igual baratas tontas pelo teatro (enorme) era praxe, horas e horas perdidas procurando refletores e acessórios. Não é exagero, acredite. Numa área complexa como a iluminação, a organização e profissionalismo são o mínimo para você conseguir trabalhar. Alguns dias arrumando aquela zona - dias que não dispúnhamos - salvaria muito tempo importante na execução da peça e na experimentação prática da iluminação, que é a forma de trabalhar do Guilherme. Espero, com sinceridade, que haja uma solução rápida no futuro para isto. A impotência de você não conseguir dar forma ao projeto por desorganização é devastadora.

Fato que o período de montagem (ensaios), dois longos meses, foram extremamente estressantes por isso. Para mim e pro Guilherme.

Nada como uma boa cachaça no Bigode.

É uma lembrança distante agora, não importa mais.

O que permanece, sem dúvida, são imagens marcantes que fazem o trabalho valer a pena.

Aquele instante em que o tempo e espaço parecem flutuar.

E você percebe o indescritível prazer de contribuir para a criação de algo fantástico.

É um sentimento imprevisível, que te invade sem aviso. E tudo aquilo faz sentido.

Esta foi a inebriação que senti quando estávamos apresentando no Sesc Pompeia. Segundo dia. Criamos uma luz que eu, em especial, achei extraordinária para a sequência do confronto entre os sertanejos do agronegócio e MST. O Guilherme estava operando a Avolites, a Cyntia estava na GrandMA. Eu logo atrás na house contemplando os atores distribuídos pelas escadarias do Sesc sob o azul populante e os trinta movings colorindo ao vivo aquele grande quadro, a cena. E eu pensei: caralho, olha onde eu estou. Conseguimos. Tá foda.

E tempo se prolongou deliciosamente, como bem descreveu o Johnny, jazzista errante do "O Perseguidor", do Cortazar.

O teatro, em essência, é isso: o momento.

Neste Roda Viva, foram muitos.

As imagens do teatro cheio na estreia, os atores na pista, o Zé Celso cantando "ressuscita-me", as mil interações fortuitas que se desdobram com público-



atores-técnica no Oficina, o cheiro do conhaque, Nash e Túlio na madrugada nos ajudando com o roteiro, a multidão que se aglomera, as tensões, Beto Eiras e suas anotações, as noites no Bigode, o cigarro nos intervalos, a reação do público.

A parceria com o Guilherme, o que dizer, o ponto alto. Porque mais do que eu, um assistente, e ele o light designer, fomos muito parceiros neste fim de 2018.

O Bonfanti é uma explosão de energia e competência. Ele quer feito e sabe que dá pra fazer em determinado período e te mostra como fazer. Agora faça!, sem meias desculpas. Por temperamento, ele gosta de te confrontar, te sacudir por meio da linguagem, o que, notei mais tarde, é parte do dispositivo construtivo do Vertigem. Ele utiliza um híbrido entre ironia e frases provocantes como artífices para te desafiar e te levar adiante.

O seu método criativo consiste, em primeiro lugar, em ter ideias e concepções, expor, discutir. É extremamente aberto para ouvir seus pensamentos e comentários. Ele sempre reflete por alguns instantes quando você faz uma sugestão, seja ela genial ou uma merda completa, e tenta tirar alguma coisa dali. O que, digamos, é bem raro num criador e/ou num cargo de direção. Não existe uma negação imediata, um bloqueio na hora de se expressar. “Boa ideia. Faz pra gente ver”. Ou, em outros casos, o Guilherme abre aquele sorriso sarcástico que lhe é característico (ainda o vejo em slow motion) e diz “ah, você quer mudar aquele âmbar? tá de brincadeira comigo? está bom naquela cena por tais e tais motivos”. Ele expõe os argumentos, você se dá conta do sentido e percebe a sinceridade inerente do que ele está falando, e sim, vai ficar melhor pra peça.

Dentro do processo de criação do desenho de luz do Guilherme, uma vez definidos como serão as disposições de refletores, gelatinas e ângulos, a parte primordial é a experimentação. É o cerne do processo. Tem que experimentar e ver como fica. O Guilherme não tem receio de testar diferentes configurações. Ele quer observar as ações teatrais e dinâmicas que se desenrolam entre atores e espaço com a luz imaginada. Receber feedbacks da direção. Ajustar. Inverter os ângulos. É um sistema orgânico de concepção da iluminação.

[como já dito, imagine a frustração ocasionada pela incapacidade de realizar as experimentações, essenciais nesta abordagem]

Abre parênteses.

Por conta dessa abertura do Guilherme ou, mais provável, pela tradição de iluminação do Oficina (o faça-você-mesmo), tivemos os curiosos casos dos CPLs, aka, Conselheiros Poetas da Luz. O termo foi cunhado à lá uzyna uzona para uma espécie de dramaturgista da iluminação que o Chico Turbiani desempenhou, na qual ele assistia alguns ensaios e partilhava anotações sobre a narrativa da luz, sequências específicas, tempos, detalhes de operação da mesa, usos de cores, enfim, um olhar de fora auxiliando na construção luminotécnica do espetáculo.

Tornou-se um piada quando tomamos emprestados o termo CPL para definir os popularmente conhecidos como corneteiros. Aqueles que aparecem nas ocasiões mais inapropriadas para filosofar sobre determinada luz. Quem não se controla e sente a necessidade de emitir um imprescindível comentário sobre a própria opinião. Ah, quantos Conselheiros Poetas da Luz! Era só ouvir um “acho que” e nos entreolhávamos em cumplicidade. Mas sejamos sinceros: eu e Cyntia nos tornamos CPLs em muitos momentos. Outras pessoas atingiram níveis bem elevados no grau de CPL nos bastidores da house. A arte de ficar calado e respeitar o que está sendo feito pelo light designer é uma benção divina.

Flash-forward.

Sesc.

Estreariamos no anfiteatro do Pompeia, em formato arena, para quatro apresentações (06-09/12) antes do espetáculo abrir no Oficina. Ou seja, o grupo teve que adaptar os ensaios a um ambiente novo em poucos dias e, com isso, a iluminação teria que contemplar as múltiplas disposições dos atores pelo local, que só seriam descobertas no ensaio geral na véspera da estreia.

Claro que no Sesc havia mais condições (\$) para os equipamentos. O Guilherme desenhou sua planta de luz somente com aparelhos digitais. Pode arrancar fora quaisquer elipsos, sources e lâmpadas das varas. Todos os focos e áreas cênicas cobertas por moving lights. O terreiro tecnológico! Que proposta.

Para escrever sobre a montagem de quatro dias no Sesc, eu teria que recorrer a outra escrita automática: foi um tsunami. Resumirei desta vez. Visitas técnicas com os responsáveis do Sesc levaram à limitações na quantidade de peso (refletores) sobre as varas, sob o risco de abalar as estruturas do teatro. Algumas restrições faziam sentido, outras não faziam o menor. Enfim, Guilherme adaptou a planta várias vezes. Acabou-se batendo o martelo pela instalação de Q30s nos pilares de sustentação para a fixação de canos de ponta a ponta nas laterais do teatro. Haveria uma linha central de movings BMFL Blade, mais pesados, nas tesouras das estruturas dos telhados, cujo limite autorizado era 50kg. Assim fomos combinados para a montagem. No primeiro e segundo dias, a empresa ganhadora da licitação atrasou pra cacete para entregar os movings funcionando na mesa. Falta de cabo de sinal, aparelhos com defeito, pouco pessoal, tudo um pouco, sei lá. Além disso, pequenos jogos de poder rondaram a equipe de iluminação enquanto o Guilherme esteve ausente, uma coisa meio surreal. Dado os atrasos, nosso planejamento foi pro saco. A gravação das 3h30 de peça teria que ser feita nas duas madrugadas antes da estreia (com a enorme boa vontade do Bafé do Sesc, grande parceiro). Lá fomos nós para mais noites viradas: eu, Bonfanti, Camilo, Cyntia e Dani. O Camilo é um monstro na GrandMA e fazia os movings chicotear a cada mudança de setup. Na primeira noite de gravação, a GrandMA (não era a full-size) começou a ficar lenta. Aguentava essa quantidade

de aparelhos? Não sei, o que importa é que estava dando pau. Por segurança, Guilherme optou por dividir os aparelhos em duas mesas: a MA e a Avolites Pearl que tinha no Sesc. E para dar conta, também nos separamos na gravação: Bonfanti e eu no rolinho da Avolites, Camilo e Cyntia nos executores da MA.

A GrandMA reuniu os movings Robe BMFL Blade, os Robe MMX e os fresnéis 2K (geral e plateia). Era a mesa da narrativa e do roteiro; dos focos, recortes e dos corredores. Dos spots com potência cujos facho traziam a experiência de show para algumas músicas. Esta mesa foi operada pela Cyntia durante as apresentações. Além dos executores, ela tinha nos faders geral, plateia, altar e banda para subir conforme a necessidade do espetáculo e dos improvisos.

O Guilherme operou a Avolites Pearl 2010, responsável pelas ribaltas led posicionadas na banda e nas paredes, que traziam amplitude ao espaço; pelos par leds que pintavam as galerias do público; e pelos Robe 600 Wash que ditavam as dinâmicas de movimento e cores das músicas.

E assim foi. E ficou demais.

Uma nota rápida sobre o espetáculo, Roda Viva.

A releitura do Zé de sua própria encenação de 1968 é uma experiência rítmica: referências contemporâneas transitórias, mudanças rápidas de roteiro, vai-volta entre diálogos e músicas, parênteses surreais - na qual uma brecha de tempo se abre na narrativa para um acontecimento fantástico, caso da Paramentação do Ben Silver.

O Guilherme trabalhou desde o início com dois planos para a concepção da luz: os diálogos (branco estático) e as músicas (dinâmicas e cores). Esta definição era o lema principal na narrativa da iluminação.

Com o retorno ao Oficina após a minitemporada no Sesc, nosso desafio era trazer as cenas fortes desenvolvidas no Pompeia para a base prévia dos ensaios no Oficina. Adaptado aos equipamentos disponíveis na casa. Voltamos à realidade.

A novidade foi que o Bonfanti conseguiu negociar com um fornecedor e trouxe oito movings Robe MMX Wash Beam e uma mesa Star Lighting Régia 2015 com o que restava da grana da iluminação para temporada. Portanto contávamos agora com uma quantidade razoável de aparelhos digitais. Nove ribaltas RGBWA, quinze par leds RGB, oito movings e um strobo Atomic 3000. Era um número modesto para o tamanho e pé direito do teatro: não iríamos preencher o Oficina com cor de ponta a ponta, nem ter potência suficiente para dar brilho em algumas áreas. Mas quem se importa com isso? Eram detalhes.

E lá fomos nós enfrentar as madrugadas, montando e gravando após o término dos ensaios.

Fi e Ana, incansáveis, respeito absoluto pelo comprometimento e disposição deles, ficaram na função da montagem bruta e manutenção.

Eu e Cyntia demos tchau pra ETC Express 72/144 e os canais de faders. E partimos pra cima da Régia 2015 para a gravação.

Só que a Régia, ah, Régia, o que dizer? Quarta-feira, cinco dias antes da estreia, percebemos que a mesa não ia dar conta da temporada. Desesperados, trocamos pela Avolites Pearl. E começamos do zero de novo.

Patch. Positions. Focos. Recortes dos movings. A folha em branco, o teatro escuro. O rolo da Avolites, uma engrenagem virgem. Naquelas noites, eu e Cyntia transitamos por uma infinidade de sentimentos. Exaustos, refletíamos sob o teatro vazio. Não era somente uma questão de tempo na gravação de mesa. Eram cenas que precisavam ser adaptadas, cores que não entregavam a energia necessária, chases das músicas, mudanças nas dinâmicas que pediam outras soluções. A utópica busca do iluminador pelo grau adequado de intensidade, movimento, cor, saturação, escolha dos refletores e posicionamentos. O principal: a gente tinha se fodido muito naqueles dois meses, não bastava ficar bom, queríamos que ficasse extremamente bom. Cena a cena, a estreia se aproximava e as noites acabavam num abrir e fechar de olhos. Torcíamos para que o dia amanhecesse nublado, para que o sol não invadissem as janelas do Oficina de forma tão brutal e nos permitisse mais alguns minutos de visibilidade das luzes dos refletores que incidiam na madeira. Mas o sol está para a luz assim como a idade está para um boxeador: ao final, eles sempre vencem.

No dia 23/12, dia de Luís, dia da estreia oficial, mesmo tensos, sabíamos que a apresentação diurna tolerava uma margem complacente de imprecisão. Para a iluminação, era um ensaio com teatro lotado. A claridade do sol não deixaria os detalhes serem notados. Tínhamos mais algumas noites para ajustar o que faltava.

Até que no dia 28, terceira apresentação, acertamos a mão.

O projeto do Bonfanti estava lá. A Cyntia esteve irrepreensível na operação da mesa; Fi, Ana e Pedro entraram no tempo certo com os seguidores. O Zé Celso estava satisfeito e sorridente. O trabalho estava feito.

No sábado, dia seguinte, assisti ao espetáculo com um copo de conhaque na mão. E o tempo se prolongou deliciosamente.

Padu Palmério

São Paulo, 29 de dezembro de 2018

Talvez estas sejam minhas ultimas notas e em seguida vou para uma conclusão.

## 1º, ATO

- Usar contra sete light para entrada do público, ele ilumina as estruturas de uma maneira muito interessante, o metal brilha, tem uma cor quente mas cria um espaço que nunca mais veremos.

- Carina canta Villa Lobos, temos que ter um foco nela, pode ser seguidor, pode ser moving.

- Dividir a abertura em três partes:

- a- Seguidor ou moving fazendo foco no trompete, exatamente como era no Pompeia, o resto escuro.

- b- Movings no mesmo chase que esta fazendo.

- c- Abre a luz nas estruturas para revelarmos os atores e o espaço

- d- Descem para a pista inverte a luz, sai das estruturas e ganha a pista, mas só ataca pista quando cantam. Espera todo mundo descer, espera se ajeitarem e espera a musica virar. Isto tudo deve ser acompanhando a musica, ela esta dividida, nestas partes o que nos possibilita estar junto com ela.

- Tem que iluminar plateia neste inicio, eles cantam para a plateia. Alias tínhamos resolvido isto. TV, Evangélicos e Musicas sempre tem plateia, variam as intensidades de cada momento.

- Segura a luz mais baixa até iniciarem "Haleluya ".... Matraca tem que ter mais luz, ou sobe e desce quando ela toca. A mesma coisa. A luz da cena pode ser mais baixa um pouco e cresce no Haleluya pra recolher em seguida. Ito merece um destaque nesta musica, ele se mata no atabaque e o som que ele faz é muito importante pra musica. Dinâmica..

- Falta luz no coro, quando estão todos no altar "VAMOS APRESENTAR..." A Geral 1 é exatamente ali. Alias este lugar tem que ter atenção, esta sempre prejudicado.

- Boa a atmosfera da entrada do anjo. Não tenha medo, deixe o clima dele se estabelecer, deixe que a plateia fique com ele, as figuras de preto, como seu séquito fica muito interessante para quem é a figura do anjo, um anjo das trevas..
- Segura o tom da geral até entrada do contrato, aí explode sem medo de ser feliz.
- Ataque do streap tease muito brusco. Acertar estas entradas de led.
- Verde dos militares muito bom.
- Os três santos está muito sem tratamento e destaque. Tem que ter foco em cada um. Usar moving.
- Otto cruzando a cena como santo, não usar branco, somente o AMBAR.
- Sou seu Anjo da Guarda, VOLTA AZUL.
- Não usar ribalta no tango entre Bem e Anjo, somente o Vermelho da Par led.
- Resolver melhor o funk do Lagartixa, falta mais contraste...Tem que ter uns intervalos de escuro. NÃO USAR GERAL, DE JEITO NENHUM.
- Bem melhor a cena da Juliana e anjo, mas segura mais o azul, até anjo pular nela. Achar um momento pra fazer a troca da ribalta pelo vermelho.
- Acabou musica "Salve o Mané" não precisa pista toda.
- Na entrada da NET tem que ter um seguidor no Ben.

## 2º. ATO

- Seguidor a full na Capeta quando banda ataca.
- Usar o VM marcando esta primeira entrada da CAPETA. Ficar com ela a cena toda. No segundo momento deste ato em que ela de novo está sozinha, usar de novo o vermelho. Marcar a Capeta como marcamos o Anjo.

- Na tempestade entra o Anjo e ai sai...
- trocar o elipso da bateria pelo do Ito, reafinar a banda. Tirar frente de Elipso do Altar, colocar a PAR 64 da fonte e na fonte usar os PCs que já estão instalados. Usar estes elipsos para melhorar a banda e ter um foco em cada um. Ito precisa de mais de um pois usa mais de uma posição.
- Acabou RODA VIVA Bem e mané dialogam com RODAVIDA ao fundo. Ficam os Ambars, ficam os seguidores. Estamos no plano dialógico com musica de fundo.
- Sertanejos universitários ficou mais evidente o lavanda do que a troca de cor. Já melhorou muito mas sinto que pode haver mais dinâmicas na música, não se ater apenas a troca de cor. A musica tem momentos diferentes. Liberdade pra criar aqui.
- Fique ligada e converse com os percussionistas e baterista pra saber se eles sairão sempre da banda. Não faz sentido iluminar tudo e só ter cello, baixo e piano.
- No Halleluya se abrirem a pista maior e não fizerem o circulo tem que abrir, mas fique ligada se fecharem fecha a luz. Aqui tem que ser Vermelho e âmbar. Deixe o seguidor revelar a carne, esta muito sem atmosfera.
- O cabo das localights é um problema, ver como resolver isto.

Neste dia ficamos todos felizes. A luz estava bem colocada, as músicas com dinâmicas, a luz geral não mais ia a full em todas as entradas, havia uma intenção em cada momento do uso do branco. Mas sinto que ainda falta mais precisa para que os planos estejam bem desenhados e que minha proposta apareça com mais força. Fico muito na dúvida da maneira como Padu e Cynthia resolveram a operação, não gravando em cues mas em sub máster. Meu problema com submaster é que o critério passa a ser humano e não da máquina.

Sabemos bem como somos “sensíveis” e podemos ter uma variação emocional de um dia para o outro, podemos ter bebido, podemos estar dispersos, tensos... Isto faz

com que a luz não entre no mesma intensidade, eu decido onde colocar o submaster, e não a gravação que fizemos e que determina que toda a cena dialógica não ultrapassa os 60%. O que acontecia neste dia era eu corrigir Cynthia em muitos momentos. O vício da opinião e de contrapor uma decisão.

Acho que os processos colaborativos podem e devem seguir abertos em seus questionamentos, mas o que me incomoda é não ver uma, duas, três vezes o desenho acontecer como idealizei e já ter discussão. Falta mais profissionalismo neste lugar, somente neste lugar, cada um saber onde é seu lugar de atuação e até onde vai cada função. Existe um tremendo comprometimento, engajamento, mas a repetição ainda é um problema para todos. Repetição com qualidade, não repetição dura sem levar em conta as mudanças que as cenas vão tendo, mas o conceito não pode ser perder. Creio que estou insistindo muito nisso e Cynthia vai entender a importância da repetição.

Outro detalhe que precisamos ir melhorando são as dinâmicas das músicas. Ainda estão muito duras e isso vai sendo conquistado a cada dia. Cynthia tem ouvido musical, falta perder a vergonha do movimento, neste sentido quando opero sou muito cara de pau e faço mudanças sem o menor receio.

Termino o processo e olho para trás vendo como as expectativas sempre nos causam surpresas. Tive o momento da absoluta empolgação, a tremenda frustração quando encontrei uma técnica viciada, uma estrutura elétrica e equipamentos sucateados, a ida ao Pompéia como um hiato no caos e um deleite técnico e a volta absolutamente desestimulado. Deixei de acompanhar a remontagem, deixei a gravação nas mãos do Padu e da Cynthia, usei o argumento de que a luz estava definida e me desinteressei completamente pelo trabalho.

Fui ver e achei a luz muito ruim, cheguei a pensar que tinha errado em deixá-los sozinhos, mas ai voltei a acompanhar em dois espetáculos conseguimos colocar as coisas nos trilhos. Creio que ao longo do processo neguei muitas coisas que Cibebe (Forjaz) tinha conquistado ali dentro e tentei pensar a luz do zero. Costumo ter este procedimento no Vertigem quando uma situação que requer um novo olhar precisa se colocar. Como a rua do Bom Retiro. De novo usei o procedimento de jogar fora o que



tínhamos e deixar de ouvir Pedro e Luana sobre a luz no Oficina. Fui ler o que Chico escreveu em seu trabalho e fiquei atento mas parti de minhas observações da cena, do espaço e construí meu desenho.

Misturando a vivencia dos ensaios, minhas intuições e pedidos do Zé e da Catherine. Tratei de trazer os Leds e os Movings e abusei do uso deles no Sesc Pompéia usando somente os Fresnéis de 2000w como refletores convencionais, o restante era Led e Moving. Ali sinto que dominei o desenho e entendi o que estava fazendo. Ficou claro o papel da cor, como algo lisérgico, carnavalesco e tropicalista, idem o uso do movimento na luz. O que Zé me pedia que era sambar com a música veio com a troca de cor e o movimento dos movings.

No Oficina ele não se cansava de reclamar da falta de dinâmica nas músicas, de fato isso não acontecia, tínhamos apenas branco, azul e âmbar, tudo com PAR 64. Tive, num dado momento, que explicar meu processo, o fato de eu ter montado uma luz somente para dar atmosferas para os atores e para que eu pudesse entender a dinâmica das cenas.

De novo cheguei no espaço (Sesc Pompéia) com um roteiro pronto, neste sentido os encontros que fazíamos discutindo a peça e construindo o roteiro foi um caminho excelente. Conforme a peça avançava eu avançava com meu roteiro. Sempre tinha um roteiro e ele ia se modificando junto com os ensaios. Sempre tive a peça sob controle, mesmo não demonstrando isto nos ensaios.

Foram períodos difíceis, definir operador, a crise na saída Luana e do Pedro da frente do processo, a definição pela Cynthia, Filipe e Ana como equipe de trabalho. A fixação do Padu no comando. De novo creio ter acertado nestas definições, mas é interessante observar como o próprio processo vai nos aclarando estas coisas. Pedro sempre se mostrou muito resistente, Luana era ausente demais, as coisas estavam claras, bastava tomar algumas atitudes. Não sei o quanto contribui para mudar a maneira de se pensar a luz dentro do Oficina, creio que temos dois nós ali; técnico e criativo.

A questão da gestão é outro fator extremamente importante. Não existe, e se existe é muito ruim. Feliz em concluir este trabalho, mais leve. Não sei se voltarei a trabalhar com eles, não sei se vão querer, se quiserem não sei se devo aceitar. Algumas coisas precisam mudar, uma delas URGENTE é um pente fino na elétrica, na infraestrutura e uma troca urgente de alguns equipamentos. Depois um trabalho de requalificação de quem quer que fique na técnica. Aprendi no Vertigem que planejar, organizar, criar cronogramas de ação não engessa nenhum processo criativo, muito pelo contrário, nos dá liberdade e segurança para criar. Se eu não fizesse parte dos processos do Vertigem não teria conseguido.

Evoé